



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A RODA CAPOEIRA: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO, HUMANIZAÇÃO E
EDUCAÇÃO**

**GUARABIRA-PB
NOVEMBRO/2022**

DANIEL DE ANDRADE CUSTÓDIO

**A RODA CAPOEIRA: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO, HUMANIZAÇÃO E
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**GUARABIRA-PB
NOVEMBRO/2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C568r Custodio, Daniel de Andrade.

A roda capoeira [manuscrito] : espaço de socialização, humanização e educação / Daniel de Andrade Custodio. - 2022.

60 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas , Departamento de História - CH."

1. Capoeira. 2. História. 3. Cultura Afro-brasileira. 4. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 960

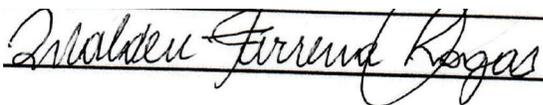
DANIEL DE ANDRADE CUSTÓDIO

**A RODA CAPOEIRA: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO, HUMANIZAÇÃO E
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Aprovado em: 08/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Dr.^(a) Luciana Calissi (Examinador/a)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof. Dr.^(a) Rita de Cassia da Rocha Cavalcanti (Examinador/a)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)

RESUMO

A capoeira se reinventou durante séculos, e passou a ocupar espaços diversos na sociedade brasileira, o que possibilitou ser praticada por variados sujeitos, principalmente, indivíduos vulneráveis, tornando-se uma prática de resistência e de inclusão. Não é mera coincidência que os programas e projetos estabelecidos pelo governo e comunidade que trabalham com a educação não formal incluam a capoeira, tendo em vista, uma grande aceitação e participação dos sujeitos subalternizados pela sociedade. Com isso, o objetivo deste trabalho é evidenciar um relato de vivências com e na capoeira ocorridas entre os anos 2011 a 2017 após o contato com essa arte no projeto PETI executado na cidade de Belém PB. Entendo que essa luta propicia espaço de socialização, humanização e educação, à medida que transforma a realidade de quem a pratica. Diante disso, neste trabalho dialoga-se com autores, como: Abib (2004), Adorno (2017), Alberti (1997), Amaral (2019), Assunção (2019), Conceição (2014), Costa (2007), Fonseca (2008), Pereira e Leal (2009) Sousa et al. (2010), Thompson (1992), Vieira (1998) que foram cruciais em oferecer o aporte teórico necessário. Para tanto, na construção desse trabalho revisito as minhas memórias e pontuo interações com alguns sujeitos, com lugares e eventos que suscitaram sentimentos de pertencimento e comunidade. Nesse sentido, as tradições da capoeira ainda resistem ao passo que revivem entre os próprios capoeiristas, mesmo que de forma desatenta de seu processo histórico social. O relato que permeia este trabalho é significativo, tendo em vista, que a sociedade cada vez mais torna os sujeitos individualistas, o que faz com eles esqueçam e deem pouca ou nenhuma atenção às tradições, memórias e representações da sua cultura.

Palavras-chave: Capoeira; História; Cultura Afro-brasileira; Ensino;

ABSTRACT

Capoeira reinvented itself for centuries, and started to occupy different spaces in Brazilian society, which made it possible to be practiced by different subjects, especially vulnerable individuals, becoming a practice of resistance and inclusion. It is not a mere coincidence that the programs and projects established by the government and the community that work with non-formal education include capoeira, with a view to a great acceptance and participation of subalternized subjects by society. With that, the objective of this work is to evidence a report of experiences with and in capoeira that occurred between the years 2011 to 2017 after the contact with this art in the PETI project executed in the city of Belém PB. I understand that this struggle provides space for socialization, humanization and education, as it transforms the reality of those who practice it. Therefore, this work dialogues with authors such as: Abib (2004), Adorno (2017), Alberti (1997), Amaral (2019), Assunção (2019), Conceição (2014), Costa (2007), Fonseca (2008), Pereira and Leal (2009) Sousa et al. (2010), Thompson (1992), Vieira (1998) that were crucial in providing the necessary theoretical support. Therefore, in the construction of this work, I revisit my memories and point out interactions with some subjects, with places and events that aroused feelings of belonging and community. In this sense, the traditions of capoeira still resist as they revive among the capoeiristas themselves, even if inattentive to their social historical process. The report that permeates this work is significant, considering that society increasingly makes individuals individualistic, which makes them forget and pay little or no attention to traditions, memories and representations of their culture.

Keywords: capoeira; History; Afro-Brazilian culture; Teaching;

LISTA DE IMAGENS

Foto 1: Alongamento, antes da Aula de Capoeira ministrada pelo professor Fábio no Ginásio de Esporte o “Xaviezão” Belém PB.....	21
Foto 2: Roda de Capoeira apresentada nas ruas da cidade de Belém- PB.....	24
Foto 3: Mestre Pastinha.....	29
Foto 4: Mestre Bimba,.....	31
Foto 5: Treino e Aula de capoeira na Academia Hidrovida, Grupo “Palmares”	36
Foto 6: Capoeira na escola.....	38
Foto 7: Batizado realizado em 2013, na cidade de Belém PB.....	21

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me oferecido as forças necessárias para continuar resistindo às adversidades da vida;

Aos meus queridos pais, Francisco Custódio da Silva, o famoso "Nego", e minha admirável mãe, Maria Gelza de Andrade, famosa por sua frase, "o que vale é quem tem";

Ao meu irmão, por todas as nossas conversas boas e chatas. Por fim, meu abraço a toda família;

A minha eterna vó, "Dona Nova" (*in memoriam*), pelos seus carinhos e cuidados na infância, e seu afeto incondicional;

A todas as amizades que foram estabelecidas em espaços diferentes, sejam na universidade, nas escolas do ensino fundamental e médio, na capoeira, nos projetos, nas praças, nas festas, enfim em todos os lugares por onde passei e formei meu ciclo de amizade;

Aos profissionais da educação, formais e não formais que disponibilizaram seus preciosos conhecimentos e me proporcionaram conhecimentos, habilidades e experiências que contribuíram e contribuem com minha formação e construção identitária;

A todos os profissionais da educação básica que me acompanharam até o ingresso na educação superior;

Aos professores e professoras da UEPB que construíram em mim, o sentimento de historiador, e principalmente, dessa atividade magnífica, ser Professor. Em especial ao Professor Waldeci Ferreira Chagas, que desde a sua primeira aula no componente História da África, me despertou para a construção das identidades culturais presentes no Brasil, de forma mais íntima a identidade negra. Pela dedicação e por atender meu pedido de orientação neste trabalho, pelas suas contribuições;

Ao meu mais recente amigo, Baltazar; que conseguiu me colocar ânimo para construção deste trabalho. Por dividir comigo nas terças ou quintas feiras diversas conversas calorosas e proveitosas;

A todos e todas que lutaram e lutam pela capoeira, para que essa arte não seja destruída, e nos seus fazeres me possibilitaram transformar-se e me encontrar capoeira.
A ela (arqueira verde).

Capoeira é antiga arte
Foi o negro inventando
Me diga quem é brasileiro
E não tem um pouco de malandro

(Malandragem-professor Capu).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MINHA INFÂNCIA E O PRIMEIRO CONTATO COM A CAPOEIRA.....	13
2.1 A Capoeira Na História Do Brasil.....	16
2.2 As aulas de capoeira no peti.....	21
2.3 As rodas de capoeira, as vestimentas e a hierarquia.....	24
3 A INTEGRAÇÃO NOS GRUPOS E AS MODALIDADES DE CAPOEIRA.....	28
3.1 Instrumentos, musicalidade e educação.....	42
4 O BATISMO NA CAPOEIRA.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Com a vinda forçada das diferentes etnias africanas para o Brasil, a capoeira que hoje conhecemos, começou se estruturar com características de resistência e de luta, em detrimento do escravismo que os colonos portugueses impuseram aos africanos nas terras brasileiras. Assim, elementos e símbolos africanos foram incorporados a essa luta, entre os quais a ancestralidade; ainda muito discutida. No entanto, se sabe que o primeiro registro da prática da capoeira se deu no final do período colonial, na cidade do Rio de Janeiro, realizada por pessoas subalternas e de classe baixa (AMARAL, 2019). Atualmente, essa manifestação cultural é reconhecida como patrimônio cultural, segundo o IPHAN, é uma marca da identidade cultural brasileira mais difundida no globo terrestre.

Assim, como que a capoeira, apesar da discriminação que ainda sofre, se desenvolve e atua na vida de pessoas em espaços educativos, como o PETI? Como a Capoeira pode representar uma arte em interação com espaços sociais importantes de pessoas em condições de vulnerabilidade? Qual o significado das rodas de capoeira para os jovens da contemporaneidade a partir dos símbolos/sinais que ela propõe em suas filosofias etc.?

Os símbolos da capoeira derivam de uma herança histórica cultural. “O uso generalizado de símbolos da identidade brasileira (como bandeiras e cordéis nas cores nacionais verde, amarelo e azul) e o emprego do português brasileiro nas letras de suas cantigas sugerem que, hoje em dia, a capoeira é uma expressão “autêntica” de brasilidade, sendo, de fato, frequentemente comercializada desta maneira” (ASSUNÇÃO, 2019, p. 522).

Corroborando com isso, e partindo da minha experiência com e na capoeira, a partir de um projeto social, denominado PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), fui me apropriando de elementos importantes a construção da minha identidade racial. Sabe-se que a capoeira envolve diversos elementos, como: musicais, esportistas, corporais e culturais. Nisso o indivíduo vai desenvolvendo habilidades que os favorecem em diversos âmbitos, como na música, na arte, na luta, na dança, enfim, são diversas as contribuições da capoeira para a formação da pessoa humana. No entanto, segundo

Pereira e Leal (2009, p.48) a capoeira atravessou durante o século XIX até as três primeiras décadas do XX a condição de uma prática desprestigiada e criminalizada; anos mais tarde foi reconhecida como manifestação cultural brasileira e lhes atribuídas outras significações.

Desta feita, analisar a subjetividade das pessoas e como as suas vivências com essa arte transformam as suas realidades, o que faz com que a capoeira a depender do meio social onde seja praticada, é possível que transforme as pessoas, e estas atuem no espaço onde estão inseridas. Essa característica é denotativa do papel social que a capoeira possui no século XXI.

Levando em consideração a proposta de Portelli (1997, p. 16) quando afirma que a experiência individual de certo modo não está afastada dos meios coletivos. Percebe-se que cada indivíduo tem sua subjetividade exposta, o que torna os eventos coletivos em vivências singulares.

Expor as minhas vivências e experiências e dos atores que estiveram envolvidos e compartilharam comigo a participação em eventos da capoeira, é de enorme valor, uma vez que essa memória é o que nos une culturalmente. Acerca dessa questão, Thompson (1992), chega a ser muito incisivo na sua afirmação quando diz: “É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p. 17).

A partir dessa perspectiva estabeleci um caminho metodológico, que me possibilitou compreender e relatar as minhas vivências e experiências com e na capoeira desde o primeiro contato e as interações com grupo, capoeiristas, projetos e eventos. Para isso, pretende-se explorar a modalidade do relato escrito apoiando-se nos trabalhos historiográficos e de pesquisadores de outras áreas do conhecimento, mas que se relacionam com este assunto.

Para tanto, dialoguei com alguns pesquisadores/as para fundamentar as minhas evidências. Embora sejam de linhas de pesquisas diferentes, convergem no campo cultural e nos auxiliaram, a exemplo de Padilha (2015), Adorno (2017), Costa (2007), Abib (2004), Fonseca (2008), Vieira (1998), Sousa et al. (2010), Thompson (1992), Portelli

(1997), Assunção (2019), Pereira e Leal (2009) e Amaral (2019). Todos/as proporcionaram o aporte teórico necessário à elaboração deste trabalho.

Para melhor compreensão da discussão formulada, esse trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, discorro sobre a minha aproximação com a capoeira, discuto o espaço (PETI) e suas políticas, brevemente abordo a capoeira e suas dimensões históricas e aspectos e dinâmica vivenciados nos treinos, nas rodas e os sujeitos. Na segunda parte discuto sobre as duas escolas; grupos de capoeira que fiz parte: "Palmares" e "Negro Fújão" como esses grupos se distanciam visto as suas modalidades; Angola e Regional, e retrato a projeção educacional dessa manifestação cultural. Na terceira parte discuto os eventos e seus significados, em especial, o batizado, e as interações com professores e mestres do grupo "Negro Fújão".

2 MINHA INFÂNCIA E O PRIMEIRO CONTATO COM A CAPOEIRA

Eu nasci em 1998 na cidade de Belém PB, localizada na mesorregião do agreste paraibano, uma cidadezinha pacata, e segundo o último censo realizado em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico) possui 17.093 habitantes, atualmente estima 17.733. Nessa cidade vivi toda minha experiência com e na capoeira; principal tema deste trabalho, cujo propósito é narrar a minha trajetória e vivência com a prática da capoeira. Todavia, antes de adentrar de fato no relato e discussão das minhas vivências e experiências com as lutas, danças e manifestações da capoeira, se faz necessário mencionar alguns aspectos significativos da minha infância que foi transformada após o meu contato com essa arte.

Filho de família humilde, cujos pais dispõem de pouco estudo, mas muitos dedicados à educação dos filhos, principalmente a minha querida mãe, Maria Gelza de Andrade, percebi que o esforço na realização das atividades escolares tinha que ser em dobro. As minhas características de quando criança representada na figura de um menino calmo, com dificuldade de interagir com os outros, tímido e sempre com alguma dificuldade de aprender algo, em especial no ambiente escolar, perdurou por um bom período, aproximadamente até os treze anos. Até essa idade tive muita dificuldade de interagir com outras pessoas, de me comunicar e me expressar publicamente. Minha relação com o mundo era mínima, vivia mais isolado do que em contato com outras pessoas, principalmente crianças.

Após um fatídico fato ocorrido em 2010, qual seja a separação dos meus pais, minha mãe foi procurar outra residência para vivermos: eu, ela e meu irmão (Fellype). Quando encontramos uma casa modesta, a sua localização foi importante, pois foi uma ponte para que eu me interessasse pela capoeira. Tudo começou por meio de um amigo da minha antiga vizinhança, que me despertou o interesse para realizar as atividades ofertadas por um projeto social mantido pelo governo federal; denominado de PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Esse programa, como a sua própria nomenclatura indica, surgiu no Brasil das constantes denúncias de altos índices de exploração de mão de obra infantil que ocorria pelo país. Segundo Padilha (2015), a

pesquisa denominada "Trabalhadores Invisíveis", realizada pelo Centro Josué de Castro, possibilitou construir um panorama de deflagração do trabalho infantil. Mais do que isso, as pesquisas ali difundidas proporcionaram de forma determinante a seleção e implementação do programa, inicialmente foi realizada nos municípios de Pernambuco, especificamente, no dia 24 de janeiro de 1997, posteriormente se estendeu para outros estados próximos. O foco nos municípios foi às atividades monocultoras e rurais, a exemplo de: casas de farinhas, horticulturas e curtumes.

No início esse programa se concentrou em algumas áreas específicas do país com altos níveis de exploração de atividades específicas do setor rural onde a presença do trabalho infantil era recorrente. Portanto, o programa apresentava um caráter seletivo e não universal. Nesse ínterim, "Os critérios de escolha das atividades a serem desenvolvidas eram estabelecidos pela Secretaria de Estado de Trabalho e Ação Social – SETRAS (atualmente tratada como Secretária de Desenvolvimento Social e Cidadania)" (PADILHA, 2015, p. 72).

Em Pernambuco esse programa passou por diversos embates, e foi ganhando força à medida que outras lideranças e órgãos públicos foram se articulando ao processo. "Este processo ganhou corpo, em decorrência do movimento nacional que se dava no país contra a erradicação do trabalho infantil" (PADILHA, 2015, p. 72). Nesse sentido, houvera protagonistas no desenrolar desse programa que tentaram juntar forças e organismos públicos que buscassem a erradicação do trabalho infantil, alguns desses foram: Ministério do Trabalho, o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Fundo das Nações Unidas para a Infância e o Estatuto da Criança e do Adolescente (PADILHA, 2015).

O PETI, assim como outros programas sociais, que tiveram adesão de diversos setores da sociedade, essencialmente, tiveram lutas constantes e embates necessários para serem implementados, sobretudo, por se tratar de políticas que visavam a construção de uma sociedade que respeitasse os direitos humanos, sobretudo, o direito de as crianças, serem crianças. De acordo com Padilha, a partir de então.

Foi criado o Pacto Paulo Freire, contando com a adesão de 75 signatários de diversos setores do governo e da sociedade civil, definindo competências e

selando os compromissos de cada uma das partes com o plano de erradicação do trabalho infantil. A resistência do setor patronal à adesão ao pacto em favor da erradicação do trabalho infantil ficou expressa publicamente (PADILHA, 2015, p. 73)

Em 2005, o PETI foi se consolidando nos 26 estados da federação brasileira, tanto nas áreas rurais quanto urbanas. Destinava-se a atender as famílias em estado de vulnerabilidade social, que tinham filhos de 7 a 14 anos, que pudessem estar submetido ou sujeitos ao trabalho infantil. Esse programa ainda deveria dar as condições materiais e econômicas para o ingresso, regresso e permanência dos adolescentes na escola. Para isso, contribui com um reforço financeiro nas rendas das famílias.

Para que os menores pudessem ser beneficiados por esse programa, foram adotados alguns critérios, os principais foram: “responsabilidade da família pela retirada das crianças e dos adolescentes do trabalho precoce e penoso e pela permanência dos filhos na escola” (PADILHA, 2015, p. 73). Essa ação era desenvolvida numa articulação e parcerias com os estados, municípios e sociedade civil. Em linhas gerais, o programa ofertava uma bolsa de 25 reais (zona rural) e 40 reais (zona urbana) para criança e adolescente que fizesse parte do projeto. Ainda tinha normas e tempos de estadia que foram se alterando de acordos com interesses políticos e conflitos com a sociedade, o tempo de permanência do menor no projeto variava até no máximo quatro anos.

No entanto, havia outro atendimento, a jornada ampliada, que ofertavam ações socioeducativas. As ações socioeducativas desenvolvidas pelo PETI na cidade de Belém me garantiram conhecer, presenciar e vivenciar todas as manifestações da capoeira. Além de mim, muitas outras crianças e adolescentes que viviam nas comunidades vulneráveis, e que sofriam com a marginalização.

A capoeira era uma das atividades desenvolvidas pelos jovens marginalizados, tanto pelo espaço que viviam quanto por sua condição econômica. Os jovens que frequentavam as aulas de capoeira se relacionavam entre si, e se identificavam com a atividade, havia o sentimento de autovalorização.

Eu e alguns jovens que depois passaram a fazer parte das atividades socioeducativas mantidas pelo PETI nos aventurávamos com uma carroça de mão nas feiras de Belém. A feira que ocorre nas segundas feiras, sempre me rendia 20 reais no

mínimo. Minha amorosa mãe foi quem comprou a carroça que me possibilitava fazer essa atividade nos dias de feiras. No começo meio tímido de ir a feira pegar frete, mas fui e com o tempo a coisa fluiu. No final da tarde quando voltava da feira era agradável ver o sorriso da minha mãe, feliz por ver seu filho trabalhando e estudando. Aquilo era gratificante para ela.

A permanência na escola e nas atividades socioeducativas do PETI possibilitaram receber um benefício; a bolsa escola. Era um acréscimo financeiro importante na compra de nossa cesta básica, que não era preenchida totalmente, sempre faltava algum alimento ou produto. Portanto, a permanência nesse programa me garantiu a subsistência, como também acesso a capoeira.

A casa onde passei a morar ficava muito próxima do local onde ocorriam as atividades do PETI e atendiam as crianças do bairro e adjacências as quais participavam das diversas atividades ofertadas por esse programa, entre elas aulas de: violão, futsal, dança, desenho, pintura, e a capoeira. A cada dia da semana era desenvolvida uma atividade, o que mantinha as crianças ocupadas e não ociosas.

Foi a partir da minha participação no PETI que se deu meu primeiro contato com a arte da capoeira; uma atividade que faz parte da história e cultura do Brasil e do povo brasileiro.

2.1 A Capoeira na História do Brasil

A história do Brasil é marcada pela presença dos negros trazidos forçados do continente africano, com isso toda uma gama de elementos ancestrais e culturais das diversas regiões da África foi trazida, assimilado, cultuado, reinventado e preservado pelos negros. A capoeira foi uma das práticas culturais que se desenvolveu no Brasil a partir dos elementos trazidos da África. Por isso se constituiu como símbolo de resistência e se dissipou Brasil afora ocupando diferentes espaços. A capoeira é uma arte complexa e cheia de elementos, o que levam praticantes e estudiosos a questioná-la. Afinal o que é a capoeira? De acordo com Camille Adorno, em seu livro "A arte da capoeira", ela

conduz o/a leitor/a pensar que deve observar a capoeira, como uma dança, jogo ou luta. No entanto, para além de sua definição ampla e transformadora, ela explica que a:

A Capoeira não foi somente um fermento revolucionário - ela é realmente um instrumento de transformações, apesar do grande cerco que sofreu e sofre ainda hoje. Dos que tentam levá-la à padronização esportiva ou reduzi-la a mera forma de defesa pessoal, sugerindo sua definição como arte marcial. (ADORNO, 2017, p 6).

Seguindo tal linha de raciocínio, essa autora é pertinente quando considera a capoeira como instrumento de transformação humana, mesmo com todas as dificuldades de sua prática ocorridas historicamente no Brasil. Nas senzalas transformou a realidade dos negros escravizados que enxergavam no exercício da capoeira uma forma de resistência.

Portanto, "desde o princípio, como luta de resistência, ela se situa num contexto de levante entre classes, na disputa de interesses que se consolidava concomitantemente a escravidão." (COSTA, 2007, p.81).

Tendo em vista, que esse trabalho é fruto das transformações ocorridas na minha vida a partir do meu contato desprezioso com essa dança, luta e jogo, posso afirmar que a capoeira transforma a realidade daqueles que a prática, exerceu e ainda exerce um dos pontos principais dessa arte.

A origem dessa luta é digna de discussão entre estudiosos e praticantes. Alguns pesquisadores quando se referem à origem da capoeira apontam para a África, enquanto outros se dirigem para o Brasil.

Segundo Adorno (2007) alguns pesquisadores, a exemplo de Albano Neves Alves, nas suas pesquisas sobre capoeira afirma ter encontrado nas tribos do sul da África manifestações de dança e luta que se assemelham com a capoeira praticada no Brasil. Para tanto, essa autora reitera que:

Estes relatos ilustram a conclusão lógica quanto às origens da Capoeira. A luta dos negros, elaborada a partir de gestos e movimentos próprios dos africanos, tem sua fonte na terra de onde vieram os guerreiros: África. No mínimo porque de lá veio o elemento matriz no processo que culminou no jogo da Capoeira - o negro (ADORNO, 2007, p.25).

A fonte de origem do elemento que gerou a capoeira é a África, disso não há dúvidas. O que se pode inferir é que numa condição transformadora e de resistência à capoeira carregou e ainda carrega a ancestralidade de milhares de mulheres e homens que lutaram para preservarem suas manifestações culturais. Nesse ínterim, Abib (2004, p.80) aponta que o importante não é o começo/origem da capoeira, mas as condições e circunstâncias históricas que permitiram a expansão, que carregam do princípio, ou seja, a África. Foi desse continente que por volta do século XVI aportaram no Brasil os elementos que possibilitaram a criação da capoeira.

Esse século, o XVI foi marcado pelas expansões marítimas, pela soberba dos portugueses de enriquecer, forjado pela ideia religiosa de catequização dos povos com quem mantivesse contatos, foi nesse contexto que os portugueses produziram atrocidades irreparáveis à humanidade. Uma delas foi à perseguição e exploração do povo africano trazido para o Brasil nos navios negreiros em condições desumanas para responder a um projeto econômico arquitetado pelos colonizadores portugueses. De início os negros africanos foram inseridos nos serviços demandados pela extração do ouro, depois a plantação da cana-de-açúcar.

Trazidos nas piores condições possíveis, os negros africanos, aportados no Brasil subsistiram e ergueram de fato a nação brasileira e mantiveram a preservação dos seus cultos e crenças ancestrais.

As "gravuras e desenhos feitos pelos primeiros estudiosos que visitaram as terras americanas registraram cenas da vida cotidiana na sociedade colonial, onde se encontra impressa a força das manifestações da cultura africana." (ADORNO, 2007, p.23).

Portanto, de acordo com Abib (2004):

A capoeira surge nesse contexto, enquanto mais um elemento agregador entre as diversas etnias africanas em interação, bem como, enquanto possibilidade concreta de utilização desse "repertório cultural", como um instrumento de luta contra a situação de extrema violência a qual estavam os negros escravos submetidos, e no qual o saber corporal inscrito em cada perna, braço, tronco, cabeça e pé, podia ser transformado numa arma eficaz a serviço da sua libertação. Coube ao corpo, único lugar seguro, a herança do que ficou perdido. O corpo ganha assim, conforme Júlio Tavares (1997), a função de "arquivo-armas" e, junto da tradição oral, constitui-se em manancial da população afro-brasileira. (ABIB, 2004, p. 96) [Grifos do original]

As condições a que os africanos foram submetidos, trouxeram como resposta uma ação/luta importante na sobrevivência da crença e re(existência) da população negra.

Para além do período colonial e imperial da história do Brasil, a capoeira se apresentou nas diferentes dimensões espaciais dessa nação, principalmente no Rio de Janeiro do século XIX, cujas características da capoeira praticada nessa cidade a diferenciava das de outras regiões do Brasil, visto que "ela é decisivamente praticada por escravos cativos, libertos ou forros, em condições bem específicas e num espaço urbano muito bem demarcado" (ABIB, 2004, p 97).

Através da capoeira os novos espaços urbanos em ascensão no Brasil proporcionaram aos indivíduos negros, maior troca de conhecimentos e saberes africanos que contribuiriam com o surgimento de outras manifestações culturais negras, a exemplo do *lundum* que posteriormente deu origem ao samba.

As manifestações negras foram sendo incorporadas por inúmeros indivíduos de segmentos diferentes da sociedade, que se tornaram capoeiras nos espaços urbanos. Foi nesse contexto que surgiram as famosas maltas, um aparelho refinado de organização social do Rio de Janeiro. Essa organização:

Reunia escravos cativos, libertos ou forros em solidariedade com toda uma parcela marginalizada da população de brancos e mulatos, constituída desde trabalhadores pobres, até desocupados, arruaceiros, bêbados, delinquentes, vigaristas, biscateiros, punguistas, desordeiros, valentões, contando com uma parcela importante de portugueses, franceses, espanhóis e ingleses entre outros imigrantes, não menos marginalizados, que portando paus, porretes, facas e navalhas, promoviam "correrias" pelas ruas da corte, em espetáculos bizarros de pancadaria e demonstração de destreza e valentia; seja em ocasiões de grandes concentrações populares como festas, desfiles cívicos, comício político etc, seja inesperadamente, à luz do dia ou à noite, para desespero da população e perplexidade da polícia, que atônita, muitas vezes não tinha muito a fazer nessas ocasiões (ABIB, 2004, p.100).

Segundo esse autor Abib (2004) havia maltas rivais com uma violência feroz, as duas mais conhecidas foram: *Guaiamuns e Nagoas*. Para as maltas não adentrarem espaços que não fossem seus territórios, eles estabeleciam identificações com cores, gestos e sinais.

No entanto, as regras de combate eram pautadas por uma determinada ética, e quando se tratava de um inimigo como, a polícia, todos se juntavam as mãos. Essas organizações, de certo modo encontraram na capoeira um espaço de luta contra o sistema que continuava escravocrata. Para tanto, a capoeira como símbolo de resistência cada vez mais tomava dimensões maiores, a ponto de causar temor, pois na compreensão das elites havia:

O caráter iminente de uma rebelião escrava, prestes a ser desencadeada, tendo em vista o forte poder de organização desses “desordeiros” que, a cada dia, mostravam com maior evidência, serem sim, capazes de desfazer a ordem estabelecida pela sociedade colonial-escravista (ABIB, 2004, p. 101, Grifos do autor).

Com o medo eminente, os aparelhos de repressão do Estado brasileiro tomavam conta dos espaços urbanos perseguindo, torturando e abusando dos capoeiristas com as piores atrocidades possíveis. A partir daí até mesmo uma simples atividade exercida por algum negro era tido como exemplo de "capoeiragem", e corria o risco das penalidades na forma da Lei. Portanto, não é à toa que a capoeira se tornou um crime estabelecido no código penal brasileiro do século XIX, no artigo 402 de 1890.¹

Em meio à onda de violência vivenciada pelas pessoas negras no Rio de Janeiro, a capoeira tomou dimensões maiores, pois passou a ocupar diversos espaços da sociedade carioca enquanto o Estado a reprimia. Tanto, que os primeiros registros, ou seja, documentos oficiais onde se usa o termo capoeira são os registros de ocorrências policiais.

A origem do termo capoeira é outro ponto de discussão entre os estudiosos dessa arte. Há várias explicações, porém as três mais conhecidas são esses:

Capoeira vem do tupi-guarani caá-puêra, mato que deixou de existir ou mato fino e ralo. Lugar onde os escravos praticavam essa luta-dança-jogo. Capoeira era também o nome de um cesto de palha ou vime, que servia para carregar víveres levados aos mercados pelos escravos, que nas horas de folga, nesses espaços, praticavam a capoeira, que assim os identificava. E capoeira é ainda, o nome de

¹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm/ Acesso em: 11/11/2022. O artigo diz: Fazer nas ruas e praças publica exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

uma ave encontrada em várias regiões do país, principalmente sudeste e centro-oeste, cujos movimentos utilizados em disputas entre os machos da espécie, se assemelham aos movimentos executados pelas capoeiras (ABIB, 2004, p. 96-97).

Portanto, como se vê a capoeira tem história, e essa está diretamente relacionada à história do tráfico transatlântico de africanos para a América, principalmente para o Brasil, uma vez que foram os elementos culturais trazidos pelos africanos que possibilitou que eles reinventassem, o que deu origem a capoeira.

2.2 As aulas de capoeira no Peti

Iniciei as aulas de capoeira precisamente no ano de 2011, sem muitas pretensões, pois a concebia como uma atividade de lazer que me ocupava o tempo em alguns dias da semana. À medida que participava das aulas, o aprendizado assumiu dimensão maior ao passo de eu ter criado um ciclo de amizade no grupo que passei a fazer parte; denominado "Palmares", em alusão ao quilombo de Palmares localizado na Serra da Barriga, no estado de Alagoas.

A partir de então, e para além dos contatos com os colegas nas aulas de capoeira passei a observar as conversas que ocorriam no decorrer dos ensinamentos, e fui percebendo as trajetórias tanto do professor Fábio quanto de alguns alunos veteranos.

Chamava-me a atenção à diversidade de habilidades, como também os talentos deles na lida com a capoeira. A partir de então meu interesse por essa arte aumentou e passei a me interessar, até de fato se tornar uma paixão. Apaixonado por tal arte eu brincava, treinava e praticava a capoeira quase todo dia. Além das aulas no PETI eu treinava em outros horários e locais. Os locais de treino eram os barreiros, campos de futebol, campo de areia ou quaisquer espaços livres que fosse ideal para realização dos treinamentos. Sempre em grupo de quatro ou cinco garotos dedicados a aprender cambalhotas e desenvolver capoeira, principalmente porque o que se treinava eram os ensinamentos passados pelo professor Fábio no PETI. Eu e os amigos queríamos aperfeiçoar os passos e ritmos que esse professor nos ensinava.



Foto 1- Alongamento, antes da Aula de Capoeira ministrada pelo professor Fábio no Ginásio de Esporte o "Xaviezão" Belém PB, em 2017. Acervo Pessoal.

As aulas de capoeira ministradas pelo professor Fábio, costumavam acontecer na terça ou quinta feira, e a dinâmica das atividades se alterava dependendo do dia, às vezes tínhamos somente a prática corporal, isso atendia desde nossa ginga, esquiva e golpes, como: martelo, rabo de arraia, meia lua etc.; porém um dia ou outro o professor procurava focar nas aulas voltadas para os instrumentos da capoeira, como: pandeiro, berimbau, atabaque, agogô. Esses instrumentos são os mais comuns dentro da roda de capoeira, e cada um dos capoeiristas tentava desenvolver habilidades rítmicas a partir do aprender a tocar esses instrumentos. Lembro que sofri bastante para aprender, nunca tive habilidade com questões rítmicas e músicas, mas a influências dos capoeiristas veteranos que faziam parte do grupo e estavam sempre presentes nas aulas foi de um valor imensurável para o meu aprendizado, sobretudo, porque eles incentivavam os mais novos.

No pandeiro aprendemos a tocar o ritmo convencional recorrente em todas as rodas de capoeira. Aprendíamos também o toque de maculelê; uma dança comum entre os grupos de capoeira, assim como o samba de roda. Como todo aprendizado é um

processo lento e demorado, começamos devagar até nos aperfeiçoarmos. No berimbau, aprendi a tocar certos ritmos conhecidos na capoeira; toques estes que determinam a velocidade e estilo do jogo que será proposto nas rodas de capoeira. Era comum o professor nos ensinar os toques da Capoeira Angola, Regional e São Bento de Angola, São Bento da Regional, Benguela, e diversos outros ritmos.

Na roda de capoeira, o atabaque; instrumento de percussão, assim como o pandeiro contribuem com os toques tanto para a roda de maculelê, quanto para as rodas de samba e a própria roda da capoeira. Enquanto o agogô é um instrumento agudo, cujo som se assemelha ao das badaladas de um sino, ele integra e acompanha as rodas de capoeira nas suas diversas esferas. Contudo, toda diversidade rítmica é combinada, de modo que se expresse nos movimentos corporais, seja na luta ou dança, os quais são movidos de acordo com os toques.

A arte da capoeira é considerada patrimônio imaterial pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A importância dessa arte está no fato de ela carregar por si só, o que a define, ou seja, a junção de elementos afros brasileiros, referenciais ancestrais, culturais de um povo, sem dúvidas de resistência; todos esses elementos naquele memorável momento não pairavam sobre minha mente, não tinha tanta noção da dimensão do que praticava, porém já entendia o quanto de atividades podiam ser praticadas somente nessa arte.

Antes iniciado somente como uma atividade de lazer e recreação, a capoeira foi se tornando para mim, parte do meu dia, das minhas interações, das minhas conversas calorosas, ou seja, do meu cotidiano. Nisso, aquele garoto, que mal acompanhava ciclos de amizades com um número consideravelmente bom, agora tinha naqueles que dividia as rodas de capoeira consigo, e de tanto gingar com um e com outro, foi também gingando para fora daquele espaço e construindo por meio de algo em comum, uma amizade sincera. Através disso, o meu contato, principalmente com os capoeiristas veteranos, nas praças, nos açudes, nos campos, nas areias fosse aonde fosse, passou a ter grande significado, porque minha experiência e a própria desenvoltura na capoeira foi se expandindo.

Evidentemente o menino franzino e tímido, não perdera essa característica do dia para a noite, no entanto, a transformação pela qual passou a ocorrer na minha vida, deu-se passo a passo; foi de um passo atrás do outro que a capoeira me proporcionou ser uma pessoa comunicativa e assim fugir do medo de interagir com pessoas de diferentes contextos.

2.3 As rodas de capoeira, as vestimentas e a hierarquia.

As rodas de capoeira incluíam as mais diversas pessoas, e não era à toa o status que essa atividade ganhava nos espaços sociais do município, o que se deve ao seu leque de inclusão, principalmente o promovido pelo PETI e PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens). A capoeira atendia principalmente os jovens e adolescentes em condições de vulnerabilidade social e que moravam nas comunidades de Tribofe, Conjunto e "Favela".



Foto 2- Roda de Capoeira apresentada nas ruas da cidade de Belém- PB, em 2016. Acervo Pessoal.

Todavia, das rodas de capoeira participavam desde crianças a adultos, isso incluía meninas e mulheres de diferentes faixas etárias. Na hora das aulas todos e todas

compunham o círculo fechado em que se podia permanecer sentado ou em pé, e os instrumentos eram dispostos no meio da roda.

Geralmente o professor mantinha o berimbau na mão e conduzia a roda puxando as músicas, de modo que todos e todas participassem. Mas poderia ocorrer de ele revezar o comando da roda de capoeira com algum aluno que soubesse tocar berimbau.

No entanto, todos os capoeiristas que compunham a roda ajudavam na realização, sobretudo, no coral, puxando e cantando as músicas, como também mantendo o ritmo com batidas de palmas de mãos. Na sequência duas pessoas que estavam na roda iam aos pés do berimbau se cumprimentam com aperto de mãos e passavam a gingar, jogar golpes, enfim interagir um com outro. A interação toda ocorre em conjunto, o que proporciona uma energia inexplicável, e quando a roda está muito boa, se diz que está com "axé", "dendê".

Ainda que eu tenha me sentido atraído pela capoeira, não entrei na aula de imediato. Inicialmente eu não tinha a vestimenta adequada, ou seja, o abadá próprio do grupo, no entanto o PETI oferecia para todos os alunos que participavam desse programa as roupas da capoeira, o que era adquirido com recursos advindos do governo federal.

No entanto, as roupas da capoeira não chegavam logo nos primeiros meses do ano, ou seja, elas não chegavam quando começavam os primeiros treinos e aulas. Geralmente só recebíamos as roupas quando faltavam poucos dias para o batizado e troca de graduação.

A roupa na capoeira é um item importante, pois é uma forma de o grupo mostrar organização e disciplina, além de servir, essencialmente, para as apresentações que ocorriam fora do espaço onde se realizavam as atividades do PETI ou nas cidades circunvizinhas. As roupas da capoeira são brancas, tanto a camiseta quanto a calça, e como o grupo fazia parte de um programa governamental, nas camisetas tinha estampada a logo marca do grupo e do projeto, como também o nome do mestre do

grupo², contramestre³ e alguns casos o do professor⁴ Nas calças tinham umas alças, as quais se utilizavam para colocar o cinto que indicava as graduações do aluno. Tratava-se de cordas amarradas na cintura e indicativa da hierarquia, ou seja, posição ou grau em que o aluno estava no grupo.

Outro aspecto relevante da vestimenta usada na capoeira é o conforto, sobretudo, porque possibilita ao aluno praticante flexibilidade na hora de realizar os diversos movimentos que a luta e o jogo da capoeira demandam. Os alunos veteranos já se exibiam com suas roupas, alguns até com suas cordas na cintura. Tudo isso me fascinava e eu ficava com os olhos vidrados observando as maneiras como eles amarravam a corda, visto que tem e tinha um jeito específico de amarrá-la na cintura. O amarrado era chamado nó de rosa, é simples de fazer, mas eu pelejava para aprender.

A posição do aluno no grupo é relevante, pois define onde o nó da corda deveria ficar. Geralmente no lado direito da cintura, e o resto da corda descendo pela coxa direita. Aos poucos fui aprendendo esses conhecimentos indispensáveis à manutenção no grupo, e no futuro quando me batizei e ganhei minha primeira corda de cor verde sabia como proceder.

A minha visão inicial sobre as roupas da capoeira foi essa que descrevi, no entanto, à medida que permaneci no grupo fui vivenciando e ampliando minhas experiências, principalmente a partir do contato com outros grupos de capoeira, percebi a diversidade das cores dos abadá e das cordas, e o estilo das roupas, como por exemplo, uma calça chamada de "boca de sino" cujas pernas são um tanto mais largas que as outras.

Em meio à diversidade das cores das cordas, cada grupo tem suas particularidades no que diz respeito às graduações e denominações. Há semelhança na cor das cordas, elas são as cores da bandeira do Brasil. Nos dois grupos que participei,

² Aquele que alcançou a graduação (corda) maior do grupo, mais também é aquele considerado o guardião da memória, da tradição, dos saberes e fazeres de uma determinada comunidade.

³ Aquele que alcançou a penúltima graduação, imediato ao mestre. Termo derivado da marinha, que significa auxiliar do mestre.

⁴ É uma graduação inferior à do mestre e contramestre, mas é digna de grande responsabilidade. É título de graduação em alguns grupos, como no caso do "Negro Fújão".

tanto "Palmares", quanto "Negro Fújão", a cor da corda era verde, e era o símbolo de batismo, ou seja, iniciação a primeira graduação do capoeirista.

Contudo, à medida que o capoeirista fosse mudando de graduação as cores também se alteravam, mas foram as mesmas nos dois grupos que participei. A segunda graduação a cor da corda é amarela, e tinha o nome do aluno graduado. Após a corda amarela, recebi a corda de cor azul, daí já estava aluno adaptado, depois recebi a corda verde e amarela, me tornei avançado, e por fim, minha última corda foi verde e azul, foi quando estacionei. A mudança de corda pela qual passei e de graduação foi vivenciada no grupo "Negro Fújão". Nesse sentido, cada corda tem uma denominação e acompanha a graduação, desde o batismo, até à corda branca do mestre.

3 A INTEGRAÇÃO NOS GRUPOS E AS MODALIDADES DE CAPOEIRA

Participei de dois grupos de capoeira, um foi o Grupo "Palmares" e outro o "Negro Fújão", no segundo grupo foi onde passei mais tempo, a vivência e experiência foi mais longa. Para tanto, quando iniciei, meu professor, Antônio Fábio era filiado ao grupo "Palmares", como também os capoeiristas veteranos e os novatos que foram chegando. As vestimentas tinham símbolos na cor azul, além disso, as cordas, ou seja, as graduações eram como se fossem tranças de cabelo, e todos jogavam a Capoeira Angola, que predominava.

Discutir sobre a Capoeira Angola se faz necessário, sobretudo, apresentá-la nos contextos históricos e culturais, uma vez que esta arte possui características específicas que respondem a determinada questão social dos sujeitos que dela faz parte. A Capoeira Angola tem sua origem nas senzalas, é consideravelmente, diferente e nasceu da

capoeira que se praticava no Rio de Janeiro, principalmente nos centros urbanos da qual participavam diferentes sujeitos.

A prática da capoeira Angola, cujos elementos foram trazidos pelos africanos que aportaram no Brasil do século XVI era quase exclusivamente destes sujeitos. Esta modalidade de capoeira tem seu princípio na África, uma vez que foi desse continente que os africanos trouxeram a tradição e o modo cultural da capoeira. Nessa modalidade de capoeira, a relação de ensino/aprendizagem é um dos primeiros pontos que destacamos, tendo em vista que "a capoeira se aprendia "de oitava", ou seja, sem método ou pedagogia. A oitava constitui-se como um claro exemplo de como se dá a transmissão do conhecimento na capoeira, qual seja, através da oralidade, baseada na experiência e na observação" (ABIB, 2004, p.128).

Segundo Abib a tradição oral é uma marca fundamental para se entender o processo de transmissão de conhecimento praticado pelo africano, o que é recorrente no processo de ensino-aprendizagem da capoeira. A experiência e vivência na capoeira acontece na relação de proximidade com o mestre e aprendiz, o que ocorre nos terreiros é apenas um fator essencial para tal aprendizagem. Além disso, a profissão do Mestre de Capoeira também pode ser uma tarefa copiada pelo pupilo do professor, segundo Abib (2004).

Na capoeira, a convivência em grupo é ponto importante no processo de transmissão de conhecimento. Considerando essa questão, tenho como exemplo, a minha convivência com outros capoeiristas de outros grupos, tratava-se de uma convivência para além dos treinos e aulas. Na convivência com outros capoeiristas se aperfeiçoava o que era passado nas aulas e treinos. Essa convivência foi relevante na condução de uma aprendizagem significativa e na manutenção das tradições de um povo que continuam e sobrevivem, mesmo que de forma inconsciente, nos fundamentos da capoeira.

Portanto, à medida que as minhas relações de amizade com outros capoeiristas aumentavam elas me conduziam a experiências e vivências significativas que somente nos treinos não era possível ocorrer. Na Capoeira Angola o tempo de aprendizagem estipulado não passa pela concepção de tempo ocidentalizada; esse tempo não vale ou

não surte efeito. Entretanto, é na concepção de tempo orientada pelas tradições afro-brasileiras que o processo de aprendizagem da capoeira angola ocorre como afirma Abib:

A concepção de tempo orientada pela tradição afro-brasileira é uma das características mais marcantes dos processos de aprendizagem presentes no universo da capoeira angola. Perguntado sobre o tempo necessário para se aprender capoeira, responde mestre Moraes em seu depoimento: O tempo para o africano, o tempo necessário para absorver o conhecimento... é... o tempo necessário para absorver o conhecimento! Somos parte da natureza e a natureza é que rege o nosso corpo... o tempo de aprender é o tempo da natureza de cada um... e tem que ser respeitado! (ABIB, 2004, p.133).

Entre outros fatores, o tempo segundo esse autor é característico da dimensão cultural de um povo que se perpetua nos moldes da capoeira, principalmente na Capoeira Angola. Essa modalidade de capoeira ainda é apreciada como ponto fundamental pelos “angoleiros”, de certa forma, preservados, mas é vista como sendo cada vez mais banal pelos que seguem a capoeira regional. No entanto, o seu fundador defendia o tempo de aprendizagem como processo longo e permanente, o que faz do sujeito capoeirista um eterno aprendiz.

Mestre Pastinha dizia aos 92 anos de idade, pouco antes de morrer: “eu ainda tô aprendendo capoeira...”. Essa paciência em deixar o tempo agir como escultor das qualidades de um bom capoeira, ainda pode ser encontrada em alguns grupos de capoeira angola, diferentemente da capoeira regional, onde em boa parte dos grupos, a própria função de mestre tem se banalizado, pois é cada vez mais frequente encontrarmos jovens capoeiras, na faixa de seus vinte ou trinta anos, que se auto intitulou mestres, com pouca experiência de vida, e de capoeira, sem a mínima noção do que essa titulação - o “ser mestre” - significa (ABIB, 2004, p.134, Grifos do autor)

Trata-se, portanto, de uma tradição que não morreu que continua preservada, no entanto, à medida que a capoeira se distancia da sua ancestralidade e se aproxima das concepções ocidentais, delimitando-se a ser uma prática de arte marcial e desenvolvimento corporal, corre-se o risco de transformá-la em “função de interesses em relação ao mercado consumidor de cultura” (ABIB, 2004, p.134). Dessa forma, é imprescindível o papel da história da capoeira na desconstrução da ignorância dos capoeiristas tanto nos contextos atuais, quanto nos anteriores.



Foto 3 - Mestre Pastinha. Acervo da Fundação Pierre Verger, foto tirada por Pierre Verger no período entre 1946-1978.

Fonte: <http://www.pierreverger.org/br> Acessado em 25 de setembro de 2022.

A capoeira Angola, tem um dos representantes mais conhecido, Vicente Ferreira Pastinha, nascido em Salvador/Bahia, em 5 de abril de 1889. Foi na infância que se desenvolveu na arte da capoeira, através dos ensinamentos de um africano chamado Benedito, "buscando aprender a se defender depois de muito apanhar de um menino de seu bairro" (FONSECA, 2008, p.15). Mesmo já identificado como praticante da Capoeira Angola, foi um dos primeiros a legalizar sua escola, segundo Fonseca (2008). A pesquisadora afirma que, tanto Bimba quanto Pastinha tiveram um projeto de organização da capoeira. Colocaram em choque as duas escolas, atribuíram distinções nos estilos, como é citado:

Este, por sua vez, buscava a diferença com a Regional não só pelo caráter de ancestralidade da prática, mas afirmando que a capoeira Angola buscava desenvolver a mente e o corpo, e o angoleiro deveria 'conhecer o ritual, saber brincar e ser malicioso muito mais do que ter uma simples eficiência marcial dos golpes (FONSECA, 2008, p.18).

Na Capoeira Angola as ladainhas e cantos se apresentam como elementos construtores da memória ancestral, e faz os capoeiristas reverenciarem os mestres e acontecimentos, cultuarem os antepassados. Essa prática nessa modalidade de capoeira é uma influência da concepção bantu de tempo, como diz Abib. Dessa forma, o capoeirista “busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política” (ABIB, 2004, p.136).

Além dos elementos da Capoeira Angola que mencionamos até o momento, outros aspectos estão presentes nas entranhas dessa capoeira, entre eles a mandinga. Essa característica é baseada tanto na habilidade do capoeirista de ludibriar o capoeirista que está na roda com ele, quanto de alcançar a dimensão sagrada da capoeira. Conforme afirma Abib (2004). Essas características costumam se perder na capoeira regional, que leva em consideração o tempo de jogo.

Um capoeira considerado mandingueiro é aquele que vai “cevando” o outro, ou seja, vai aguardando sem pressa, que o outro se descuide para então aplicar seu golpe certo. Essas situações, típicas da capoeira angola, só podem acontecer em um jogo com um tempo maior de duração (ABIB, 2004, p.141, grifos do autor).

Nos parâmetros da mandinga, tem a “chamada de angola”, é um momento de pausa no jogo, que sai daquela posição de jogo, característico da angola, um jogo agachado, para se posicionarem em pé. Um dos jogadores faz a chamada se levantando, e assume uma posição com braços e pernas, logo após vem o outro e se apoia no corpo, em partes específicas que passam a causar ameaça, e depois fica se balançando de um lado para outro até que se desmanche.

No entanto, a Capoeira Angola pode-se diversificar do jogo rasteiro, e pode ter golpes rápidos e altos. Para tanto, o caráter cênico e o improviso dificultam a leitura de quem está assistindo ao jogo de capoeira; aspecto observado por Abib (2004), que alimenta a ideia da mandinga que representa a criatividade, a improvisação e a destreza de estar sempre ameaçando e desviando com golpes e movimentos que não sejam sequências estabelecidas. Alguns anos mais tarde, meu professor já estava embarcado

com outro grupo, ou seja, fazendo parte do “Negro Fujão”, grupo que tinha suas vestimentas com símbolos verdes e as cordas já não eram mais em formato de tranças e sim lisas, nesse grupo se jogava um estilo regional, criado pelo Mestre Bimba.



Foto 4- Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional / Acervo ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA GUNGA É MEU, 2017.

A capoeira regional teve como idealizador o Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, nascido em 23 de novembro de 1900, ele criou esse estilo na década de 1930. "E Bimba inova no ensino da capoeira, criando um método de ensino que se baseava na repetição, durante os treinamentos, de algumas sequências de golpes utilizados na roda." (FONSECA, 2008, p.11). A capoeira regional se distancia daquela capoeira que valorizava uma pedagogia desprestigiada e muito baseada na relação de vivência de mestre e aprendiz. Esse estilo, o regional passou a metodologicamente a se apropriar de uma pedagogia mais ocidental.

No entanto, isso não quer dizer que a tradição africana foi esquecida e nem ao menos retirada do contexto regional, mas de certa forma, a nova roupagem que a capoeira ganhou possibilitou novos adeptos e novos processos de relação da capoeira com a sociedade brasileira. Ou seja, a transformação pela qual a capoeira passou diz

muito sobre a capacidade criativa do negro que se utilizou das bases do próprio sistema opressor e transformou a capoeira numa "cultura de consumo". ABIB (2004).

O principal motivo disso, sobretudo, no que diz respeito à relação com a sociedade, foi o fato de os sujeitos de outras classes sociais terem se interessado pela capoeira, ou seja, essa arte chamou a atenção deles. Acerca dessa questão, Capoeira (1998, p. 52), ressalta que:

Com a academia de Bimba começa uma nova época: a capoeira vai atrair a classe média e a burguesia de Salvador. Antes disto, a capoeira (na Bahia) era praticada exclusivamente pelos africanos e seus descendentes, ou seja: as classes economicamente pobres.

A fama do Mestre Bimba cresceu, principalmente quando ele resolveu adentrar nas lutas no ringue, e com suas vitórias, que não duravam mais de dois minutos para nocautear o adversário. Esse processo, agora expostos em outros ambientes que não fossem a rua, produziu um sentido de eficiência para a capoeira, mesmo que os sentidos pejorativos que ela carregou ainda existissem, e a institucionalizou.

A Capoeira Regional se inseriu no espaço social brasileiro no período em que o presidente Getúlio Vargas chegou ao poder político e administrativo do Brasil, e tentou estabelecer políticas pautadas no centralismo do poder. A Capoeira Regional é um estilo que se baseia na repetição de golpes e movimentos, e numa proposta metodológica do ensino, afastando-se um pouco dos elementos ritualísticos contidos na Capoeira Angola. O caráter dessa modalidade de capoeira permitiu que houvesse um novo olhar sobre essa arte, e a aproximou do estadista Getúlio Vargas, o que foi importante, pois facilitou o viés que culminou no fim da sua ilegalidade.

Essa modalidade de capoeira atenta a desenvolver elementos de luta e autodefesa, deixou de lado os ritos que permitem olhá-la como uma cultura de um povo negro; uma gente que até hoje tem sua cultura afastada dos espaços sociais, mas foi dessa forma que conseguiu conquistar espaços maiores na sociedade, cuja principal característica desde a colônia era a valorização da cultura europeia.

À medida que o Mestre Pastinha criou sua escola, e seus métodos e

comportamentos da capoeira, sua aproximação e fidelidade com a tradição africana não contribuíram e nem tiveram respaldo na Capoeira Regional. Estilos e intenções distanciavam essas duas escolas, como relata Vieira (1998, p. 2).

Com o aparecimento de Mestre Bimba, iniciou-se a divisão do universo da capoeira em duas partes, em que uns se voltaram para a preservação das tradições e outros procuraram desenvolver uma capoeira mais rápida e direcionada para o combate.

O capoeirista que praticava o estilo regional não estava preocupado em conhecer e se aproximar dos rituais que a capoeira trazia nas suas manifestações, cujo principal elemento era a cultura ancestral dos africanos. Com isso, somente o ato pragmático de uma eficiência nos golpes marciais atenderia suas ambições. Enquanto o “angoleiro” se preocupava em conhecer os rituais dignos da capoeira. Ou seja, a ancestralidade.

Para além das críticas que giravam em torno da Capoeira Regional, é possível compreender os processos modeladores da capoeira, tendo em vista a inserção de novos sujeitos nela, o que influenciou direta e indiretamente os seus aspectos técnicos, como os golpes e movimentações. Através disso, o Mestre Bimba, de certo modo, com seus métodos, aproximou da capoeira um novo grupo social, ou seja, a classe média. Paralelo a isso, mesmo não tendo influências diretas com o Mestre Bimba, no Rio de Janeiro. Segundo Fonseca (2008, p.14 *apud* Lopes, 2005) aponta:

Sinhozinho nasceu em 1891, Santo, filho de um tenente-coronel e chefe político local, e descendente de Francisco Manoel da Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro. Esses dados nos permitem perceber que Sinhozinho, como seu próprio apelido sugere, não provinha das classes baixas, fazendo parte das camadas mais favorecidas. Sua clientela também era composta por rapazes de classe média, em geral jovens de Ipanema e Copacabana (LOPES, 2005). Ele teria aprendido capoeira nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, para onde se mudara com sua família. Aprendeu boxe e luta greco-romana, e achando que a capoeira se mostrava pobre para a luta, principalmente a ‘agarrada’, resolveu aplicar alguns dos golpes aprendidos nas outras lutas à capoeira.

A característica primordial da Capoeira Regional é a valorização e a implementação de golpes. Entendendo que a luta só se torna mais forte com a presença de golpes sistematizados. No entanto, no contexto da roda de capoeira é onde acontece

o jogo e a mandinga. Com relação ao jogo da capoeira há diferença entre as duas escolas, segundo Abib (2004, p. 141).

Ao pé do berimbau, os dois capoeiras se agacham, prontos para iniciar o jogo. Esse é um momento muito especial, pois na roda de capoeira angola, segundo a tradição do mestre Pastinha, o jogo se inicia e termina com os mesmos jogadores. Não há o “corte”, com um terceiro jogador “comprando” o jogo e substituindo um dos dois, como na capoeira regional. {...} O jogo numa roda de capoeira angola é muito mais longo que o da capoeira regional, que é “quebrado” a todo instante pela “compra” do jogo por um terceiro jogador. Na capoeira angola, ao contrário, existe o tempo para que cada jogador estude seu parceiro, procure decifrar o seu jogo, prepare com cuidado o seu “bote”, que é dado no momento certo. Um capoeira considerado mandingueiro é aquele que vai “cevando” o outro, ou seja, vai aguardando sem pressa, que o outro se descuide para então aplicar seu golpe certo. (grifos do autor)

Baseado nessa filosofia e estratégia o tempo e as maneiras de se comportar numa roda de capoeira são diferentes. Isso não quer dizer que alguns elementos não se processem da mesma maneira, no entanto, essas características são mais evidenciadas nessas escolas. O jogo na Capoeira Regional tem seus cortes diários também devidos ao cansaço físico causado pelas repetições e rapidez. Outro fator é a improvisação que a capoeira experimenta no jogo da Capoeira Angola, o que exige mais do que repetir uma variação de golpes propostos na capoeira regional. (ABIB, 2004).

A partir das experiências vivenciadas nos Grupos “Palmares” e “Negro Fújão” eu acessei os dois estilos de capoeira, e percebi que eles possuem mais aspectos que se relacionam, se aproximam do que se distanciam. Tanto no grupo "Palmares" quanto no "Negro Fújão", experimentei aulas baseadas numa pedagogia sistemática de repetições e assimilação de golpes. No entanto, também experimentei relações como a "chamada de angola", a cadência do ritmo e no jogo a partir do toque no berimbau; e as "ladainhas". Foi possível perceber a valorização da luta sobrepondo-se ao saber e conhecimento dos ritos que compõe a capoeira.

Por isso, a capoeira mais do que transformar a realidade de quem a pratica; transformou a minha, ela também se transforma com o contato do praticante, negativamente ou positivamente. Além disso, ela também responde a um contexto social e histórico e nesse processo redefine suas intenções. No entanto, se mantém e deve se

manter as tradições que fizeram dessa arte ancestral um método necessário a preservação da história do povo negro e da cultura afro-brasileira.

O mestre do grupo “Negro Fujão” se chamava “Pererê”, e o contramestre Júnior, esse grupo tem origem da cidade de São Paulo. Vários alunos que tinham grande apreço pelo professor acompanharam sua troca de grupo e eu fui um deles. Vivenciei a mudança do professor de um grupo para outro, devido ao fato de eu participar do projeto social PETI, onde a capoeira era a principal atividade. Nesse grupo e por fazer parte desse programa foi mais fácil galgar graduação, receber as vestimentas e a garantia do transporte para ir às aulas de capoeira treinar.

Algum tempo depois encontrei dois amigos de infância que residiam na antiga rua onde morei quando criança, Vinícius e Willamys. Esses amigos foram cruciais para que eu largasse o Grupo de Capoeira “Negro Fujão” por um tempo. São duas pessoas distintas, um é cristão evangélico e congrega na Assembleia de Deus, e o outro é cristão católico e na época estava estudando para ser padre. Por influência de ambos larguei o Grupo “Negro Fujão” por um tempo, mas depois voltei para o Grupo “Palmares”, porque além do treinamento da capoeira, tinha construído uma relação de amizade com os integrantes desse grupo. Eram pessoas com quem podia compartilhar e deixar a experiência vivida mais rica emocionalmente.



Foto 5- Treino e aula de capoeira na Academia Hidrovida, Grupo “Palmares”. No meio da foto está o Professor Jedilson. Acervo Pessoal, 2014.

De volta ao Grupo “Palmares”, os treinos já não ocorriam no espaço do PETI e PROJOVEM, mas num espaço particular, ou seja, numa academia, e tínhamos de pagar um valor simbólico para ajudar na vinda do professor, que passou a residir na cidade de Guarabira, próximo à Belém, o nome dele é Jedilson. Afora a vinda do professor a Belém, os capoeiristas dessa cidade se reuniam pelo menos uma vez por semana e iam a Guarabira treinar. Os treinos aconteciam no período da noite, às vezes no antigo espaço da cultura, ou na maçonaria perto da praça central. Iam cerca de cinco ou seis pessoas, e os quase dois anos que convivi neste grupo me possibilitou conhecer figuras importantes no mundo da capoeira, as quais me proporcionaram grandes aprendizados nessa arte e na vida. Dentre as pessoas que marcaram a jornada no grupo, recordo Dedé, Rogério; apelidavam-no de “Urubu”. Eliel, Elielson e o próprio professor. O primeiro deles, Dedé, à medida que fui me aproximando dele, foi me levando para alguns projetos sociais onde ele dava aula de capoeira, um desses projetos foi na cidade de Bananeiras-PB a 14 quilômetros de Belém. O nosso deslocamento até lá era feito numa motocicleta, uma Pop 100 preta. Gosto dessa experiência porque foi muito bom, desde o clima agradável da cidade de Bananeiras, um clima nem tão quente, e nem tão frio, principalmente nos

horários que chegávamos nessa cidade. Nessa experiência conheci amores, pessoas; conheci como de fato era a rotina de um professor de capoeira num projeto social, mais que isso, como eu estava para auxiliá-lo em suas aulas aprendi a lidar com o público.

Num dos treinos que ele realizava, ele olhou para mim, e sem aviso prévio, numa surpresa de tremer as pernas, mas de grande significado tanto no momento quanto agora, mandou-me que fosse para frente dos alunos e puxasse um breve alongamento. O alongamento é a base específica de todos os treinos de capoeira, trata-se de movimentos corporais básicos das mãos, pernas, braços, pescoço e outras partes do corpo, que são realizados para facilitar a prática de golpes e movimentações.

O fato de o professor ter me proporcionado esse momento atribuo a confiança que ele depositava em mim, devido a minha dedicação e vivência nos treinos que ele puxava. A partir de então fui interagindo e percebendo os detalhes das vestimentas e comportamentos dos alunos, assim como os estilos de jogo dos capoeiristas, passei a entender as similaridades e disparidades que existe na capoeira. Contudo, notei que suas distinções têm relação imediata com o estilo de jogo de um grupo específico, que explora o jogo Regional ou de Angola. Além disso, cada grupo tem um mestre e uma ramificação, linhagem e história divergentes, para tanto suas escolhas de modelos vão se distanciar, mas de uma forma ou de outra, algumas características históricas dessa arte se fazem presente em todos os grupos. Cada grupo forma um capoeirista a partir de sua modalidade de capoeira, levando em consideração o modelo escolhido, Regional ou Angola.

Após as viagens e treinos realizados em Guarabira, cujo sabor era do suco de guaraná da amazonas tomadas na praça dessa cidade, inverti minha jornada na capoeira, e passei a seguir o Grupo “Negro Fujão”. Além de mim, outros integrantes desse grupo também voltaram, a exemplo de Vinícius, meu amigo de infância.

A partir de então, as noções de capoeira outrora recebidas dos mestres dessa arte e luta, serviram de bagagem, mas principalmente o estilo de jogo realizado dentro das rodas foi aos poucos sendo ampliadas e aperfeiçoadas. Nesse período vivi a última troca, e assim tive uma longa duração de experiência e contato com grupos e pessoas de vários outros grupos.



Foto 6 - Capoeira na escola

Foto tirada após a apresentação da roda de capoeira na Escola Anita de Melo, na cidade de Belém PB, 2017. Acervo Pessoal.

Algumas vezes no mês costumávamos reunir toda a turma para se apresentar em praça pública, como também em colégios, uma vez fomos nos apresentar em um abrigo de idosos. O nosso ponto de partida para as apresentações era o lugar onde ocorria o PROJOVEM. Esse espaço tinha algumas salas, cada sala era específica para alguma atividade ou algum setor administrativo. Havia um primeiro andar e outras salas, nem tão extensas em tamanho, mas eram espaçosas e em bom estado de conservação, toda pintada nas cores verdes e brancas, assim como todo o local. No local ficavam guardados alguns dos instrumentos que usávamos nas apresentações, a exemplo do pandeiro, atabaque, berimbau e outros. Outras apresentações ocorriam e dependendo do local aonde fossem se realizar a “capoeiragem”, podíamos ir a pé ou nos ônibus escolares.

Desde então aprendi com os veteranos a carregar a vestimenta sem a bolsa. Ou seja, dobrava e amarrava com a corda da graduação e pendurava no ombro. Desse modo me dirigia até a concentração seja para treinar ou fazer alguma apresentação com o

grupo. Quando caminhava pelas ruas da cidade com a vestimenta da capoeira pendurada nas costas era nítido perceber os olhares das pessoas que me olhavam com certo desprezo e distanciamento. Não queriam aproximação, se distanciavam e repulsavam os capoeiristas por associarem a capoeira com as religiosidades afro-brasileiras.

De certa forma, a capoeira possui alguma relação com a religiosidade afro-brasileira, uma vez que há o toque e é uma manifestação realizada em círculo. No entanto, chama atenção das pessoas, sobretudo, por elas desconhecem e não se dispõem a conhecer prevalece o preconceito. Afora isso, o capoeirista é associado ao criminoso, vagabundo e imoral. Esse imaginário permanece até hoje.

Quando chegávamos ao local, fossem à rua, ou no prédio onde funcionava o PETI e PROJOVEM, todos vestindo roupa branca, alguns com suas cordas nas cinturas, outros não, íamos aos poucos se posicionando em um círculo. À medida que o professor fosse dando as coordenadas, os que tinham mais habilidades com os instrumentos pegavam-no e começavam a tocar e fazer uma prévia, ou seja, um aquecimento.

Os capoeiristas vestidos de branco, os toques e as músicas, tudo isso chamava a atenção de quem estava ou passava por perto, e alguns transeuntes se aproximavam timidamente para observarem o que estava acontecendo. As apresentações modificavam às vezes nos ensaios mostrávamos um pouco do maculelê; uma dança da cultura indígena, que foi apropriada pela capoeira. Ela é praticada com dois pedaços de madeira na mão, e ritmicamente com quatro toques, à medida que se dança a pessoa bate no pedaço de pau do/a companheiro/a com quem se dança e divide a roda. A dança é muito ritmada, pois se movimenta as pernas pelo menos uma para trás e a outra para frente. No entanto, a principal atividade do grupo era à roda de capoeira, onde os alunos/as mostravam suas gingas, golpes, acrobacia, o que chamavam a atenção do público, prendia os olhares e dava gosto se apresentar.

Além das apresentações tínhamos momentos de descontração com uma roda de samba, onde todos se misturavam e sambavam. Nesse momento se cantavam as ladainhas, ou seja, as músicas que embalam nossas danças e lutas, as mais tocadas eram: "paranauê..., paranauê, Paraná", como também era comum no maculelê: se cantar

"ô boa noite pra quem é de boa noite, ou do bom dia pra quem é de bom dia, a benção meu papai a benção, maculelê é o rei da valentia".

Todas as músicas quando cantadas se tornavam extensas, em função de a letra se repetir várias vezes em resposta à estrofe principal, o que possibilitava que todos os/as capoeiristas acompanhem no coro, e nas palmas, sempre numa rítmica compassada e sincronizada.

Nas primeiras apresentações que ocorreram e eu participei, a cada uma delas eu ia de forma diferente. No começo timidamente, com poucas habilidades para me apresentar, tanto musicalmente, quanto corporalmente. No entanto, é isso que encanta os olhos, qual seja observar que a capoeira dentre todas as artes marciais brasileiras ou estrangeiras, seja embalada pela musicalidade, onde o corpo movimenta-se de acordo com o toque, e expressa toda a suavidade e rapidez de acordo com os ritmos tocados entre eles Benguela, São Bento de Bimba, e de Angola etc.

3.1 Instrumentos, musicalidade e educação

A partir de então, as minhas habilidades comunicativas, expressão musical e corporal foram todas enriquecidas a partir do momento que entrei na capoeira. A cada dia com os treinos e as apresentações as habilidades fluíam melhor e fui me sentindo mais habilidoso nas apresentações, sobretudo, aquelas realizadas nas praças públicas da cidade de Belém, e nas cidades vizinhas.

A capoeira, como exemplo de cultura popular, conseguiu me fornecer habilidades que a escola não possibilitou, tratando-se de uma educação formal. Ainda assim, essa manifestação cultural apresenta-se em diversos contextos educacionais não formais pelo país, direcionada a pessoas de baixa renda. Exemplo disso é o público-alvo do PETI, fonte inicial das minhas experiências. Sobre essa questão Abib (2004) nos mostra que “a capoeira aparece como uma das atividades que encontra maior receptividade por parte desse público de crianças e jovens marginalizados” (ABIB, 2004, p.151).

Enquanto a educação formal vem caindo em descrédito, tendo em vista as inúmeras leis, estatutos, declarações e tratados que não saem de fato dos papéis, e não conduzem os milhares de brasileiros para uma educação crítica, integral e universalizada.

Referindo-se a essa questão Abib (2004) afirma que isso são consequências de uma política educacional desastrosa de épocas passadas e até atuais. Além disso, conforme evidência, esse pesquisador existe razões para tais prejuízos na educação formal, entre elas cita a tendência histórica de gestores brasileiros transportarem métodos e modelos educacionais de outros países, os quais não se encaixam nas características históricas e culturais do Brasil, não havendo de fato uma reflexão acerca deles. Outro fator, conforme aponta esse autor, é o processo de globalização que responde a um processo capitalista que desintegra a sociedade e suas políticas, que não leva em consideração a diversidade cultural e as realidades regionais, mostrando que o ponto forte é a “cultura de mercado”.

Esses pontos escancaram o processo excludente das políticas educacionais brasileiras, e a longa história baseada em prestigiar um currículo educacional eurocêntrico, que não permitia aproximação da realidade dos alunos com os conhecimentos ensinados. Isso implica dizer, que não existe neutralidade nos campos educacionais, e que de fato todas as escolhas são baseadas em um plano baseado em que tipo de sujeito se quer formar.

Por ser a capoeira uma prática cultural fruto de nossas terras, e de lutas constantes e significativas dos povos negros, é fato considerar sua aproximação das realidades dos praticantes, sujeitos que não encontram no espaço escolar representações do seu cotidiano. Eis a razão por que a capoeira se torna um exímio fator na capacidade de trabalharem “com os valores morais e permitem a inserção social de jovens excluídos e marginalizados” (ABIB, 2004, p.151).

Com base nessa perspectiva muitos pedagogos e estudiosos da educação observam a capoeira como não somente uma prática que beneficia a vida, como também um meio de aproximar uma população desprestigiada pela educação e sociedade em geral, conforme explica Abib:

Os resultados obtidos por essas atividades educacionais envolvendo a capoeira, bem como outras manifestações da cultura popular, nas quais o samba também aparece com muita frequência, são considerados excelentes na opinião da maioria de pedagogos e arte-educadores envolvidos nesses processos, pois permitem que sejam trabalhados valores como a autoestima, o respeito pelo

outro, a solidariedade e a auto superação entre outros benefícios. Essa é sem dúvida, uma possibilidade muito importante de utilização da capoeira e do samba enquanto processos educativos voltados às camadas menos favorecidas da sociedade (ABIB, 2004, p.151).

Esse pesquisador, também, aponta para a importância de alcançar os outros níveis da sociedade, ou seja, as classes média e alta, e assim promover a conscientização, de modo que essas classes valorizem os saberes da cultura afro-brasileira e popular, através daqueles programas preocupados com a transformação social.

Se a educação fundamentada no respeito à cultura afro-brasileira não costuma acontecer nos espaços formais, ou seja, nas escolas, onde e como encontramos o processo de aprendizagem da capoeira? Nesse sentido, Abib (2004), traz uma discussão acerca dos processos em que as noções de comunidade e sociedade se distanciam, levantando a tese que a ideia de comunidade proporciona um entendimento sobre esses processos educacionais não formais. Por conseguinte, há de se observar os entendimentos explicitados desses conceitos, trazidos por Abib (2004), apoiados nas concepções de Ferdinand Tönnies (1991).

Segundo o autor, na sociedade, cada um está por si e isolado, e em estado de tensão perante todos os outros. As esferas particulares de atividade e poder são nitidamente limitadas pela relação com os demais, de tal forma que cada um se defende do contato com os outros, e limita ou proíbe a inclusão destes em suas esferas privadas, sendo tais intrusões consideradas atos hostis. [...] na vida em comunidade, pelo contrário, as relações sociais são caracterizadas por uma proximidade muito maior entre as pessoas e onde o culto ocupa espaço privilegiado. Em princípio, ressalta Tönnies, o lar e o trabalho eram um só, o mesmo culto. (ABIB, 2004, p.153)

A partir dessas considerações é possível afirmar que a capoeira não se aproxima do conceito de sociedade, mesmo estando inserida nela, mas se relaciona muito mais com a ideia de comunidade. As diversas atividades realizadas no âmbito dessa luta/dança conduzem para a construção de pertencimento em relação ao grupo; atividades que discuto no decorrer desse trabalho, como: o batizado, os treinos, as rodas de capoeira, as viagens. Todas essas instâncias permitem o capoeirista se enxergar

dentro de um agrupamento de indivíduos de diversos lugares que estabelecem rede de solidariedade, a exemplo do grupo “Negro Fugão” que tem sua sede em São Paulo. Segundo Abib:

A solidariedade entre seus membros, a cooperação em atividades de mobilização do grupo, que vai de mutirões para construção da sede até realização de eventos envolvendo outros grupos, além de uma relação de irmandade desenvolvida pelos capoeiras de um mesmo grupo, são exemplos de como o sentido de comunidade está presente nesses espaços, embora muitos grupos na atualidade, se organizem em núcleos espalhados por diversas regiões do país e mesmo em diversos países do mundo, e ainda assim mantém-se o sentimento de pertencimento comunitário com muita expressividade, entre os membros desses grupos (ABIB, 2004, p.155).

À medida que ampliei a relação e aprendizado com a capoeira fui instigado pela sensação de compartilhamento e pertencimento no grupo, o que atualmente posso observar com nitidez. Esse aprendizado, ainda que sejam sinais modestos são significativos, a exemplo da identificação entre os “camaradas”; expressão usada corriqueiramente nas rodas de capoeira, presença forte nas ladainhas. Esses sinais ainda estão no estilo de jogo, no convívio com as pessoas, nos codinomes ou apelidos que nos são atribuídos.

As relações fora e dentro dos espaços não formais de educação, a exemplo do PETI, a indumentária, o batismo e por fim, a relação exclusivamente nas rodas de capoeira, seja com os instrumentos ou “vadiando” dentro da roda com seus “camaradas” permitem identificar-se e sentir-se integrado ao grupo.

É importante ressaltarmos o fato de que a relação de camaradagem é construída a partir da identificação do outro, tanto de quem entra na roda de capoeira no momento do jogo, quanto de quem desenha a roda, ou seja, tanto dos que jogam dentro da roda, como dos que se fazem presentes tocando os instrumentos ou delimitando a roda, acompanhando o jogo cantando e batendo palmas. O outro, na roda, é como uma localidade antropológica que possibilita, com sua presença, a construção do sistema cultura da capoeira, a confirmação da potencialidade e da virtualidade do gesto, produzindo sentidos no jogo de corpo na capoeira (SOUSA *et al.* 2010, pp. 623-624).

A capoeira representa o resgate dos indivíduos que não se sentem representados na cultura de mercado e na sociedade individualista, tendo em vista que

a noção de comunidade é a marca presente nas esferas dessa manifestação cultural. Para tanto, a comunidade é fator essencial para que haja preservação das tradições encontradas no universo da capoeira. Por meio da vivência e da relação comunitária na capoeira através da oralidade e da memória é possível aprender sobre a ancestralidade como processo de aprendizagem social do sujeito na cultura afro-brasileira.

Vivências experimentadas nas escolas que se baseiam na concepção individualista, e de autonomia do sujeito, sem ao menos discutir os processos de alteridade, não integra o estudante na noção de comunidade, e sim de sociedade. Em contrapartida, os projetos que se projetam como educação não formal, e que vão até as periferias das metrópoles, nos espaços indesejados pela sociedade de consumo, conseguem alcançar por meio da cultura afro-brasileira desperta no sujeito o sentimento de pertencimento e de comunidade.

Dessa forma, há um longo caminho que deve ser percorrido a fim de estabelecer políticas educacionais que insiram as manifestações culturais afro-brasileiras nos espaços escolares, evitando a forma que é trazida, ou seja, “folclorizada”, que é somente em dias comemorativos, como: dia de Tiradentes, dia do “índio”, “independência”, “consciência negra” e etc. A perspectiva é a de que as culturas afro-brasileiras não sejam limitadas a dias específicos, mas adentrem as grades curriculares, não sejam tratadas superficialmente e de forma distante da cultura dos estudantes que frequentam a escola, mas façam parte de sua realidade social e histórica.

Sobre essa perspectiva educacional, Abib, proporciona alguns caminhos que podem ser imaginados, a fim de legitimar essas ambições, como:

A formação desses educadores deveria garantir que houvesse um tratamento privilegiado às questões referentes aos saberes tradicionais populares, enquanto forma e conteúdo dos programas pedagógicos, para que o processo de troca e diálogo com os saberes científicos se desse de forma mais equilibrada e não hierarquizada. Portanto, além das políticas públicas no campo da educação, a formação continuada dos educadores, também deve estar voltada para as experiências produzidas no campo do saber tradicional popular, pois só dessa forma, será possível o alargamento da racionalidade e dos paradigmas que predominam nessas instâncias (ABIB, 2004, p.157).

No meu universo cultural e educacional, tudo foi complicado, mas desafiante, visto que o aprendizado na capoeira envolve o toque dos instrumentos, as danças, a luta em si, ou seja, os golpes e tudo de acordo com o ritmo definido pelo atabaque e berimbau. Recordo que, quando me deparei com o pandeiro, foi um desastre, mas fui persistente e aprendi. Não tinha um pandeiro em casa para depois de cada aula continuar a prática, mas minha criatividade me levou a usar as panelas de casa como pandeiro e repetir passo a passo o que o professor me passava nas aulas.

O agogô e o pandeiro foram os primeiros instrumentos com os quais consegui um pouco mais de domínio musical, a ponto de na hora da apresentação do grupo, ou seja, na roda de capoeira tocar com certa segurança e desenvoltura.

Na sequência insistir em tocar o berimbau, o carro chefe das rodas de capoeira; esse instrumento é brilhante, com todas suas características, a começar pela sua estrutura, composta pela cabaça, biriba (nome da madeira onde a cabaça é presa), virola (o arame que fica entre uma ponta e a outra do biriba), caxixi (chocalho caseiro); além da baqueta e dobrão (usados para tirar o som do berimbau). No entanto, a qualidade do som do berimbau depende do tamanho da cabaça, seja grande, média ou pequena, o que o modifica. Por isso, os berimbaus são chamados de viola ou violinha, médios e gunga. O berimbau para ser armado, ou seja, montado exige muito cuidado e atenção, de modo que fique com a aparência de um arco flecha.

4 O BATISMO NA CAPOEIRA

Sem sombras de dúvidas os treinos de capoeira, assim como as apresentações do grupo foram importantes para que eu me tornasse um bom capoeirista, no entanto, a relação com os integrantes do grupo, foi sem qualquer possibilidade de erro, o fator principal para o meu desenvolvimento como capoeirista e pessoa humana. A convivência com os colegas que conheci na capoeira, principalmente com aqueles que já tinham

experiência nessa arte. Em função da amizade e da relação que construímos um dia da semana e fora das aulas que já tínhamos no grupo, corríamos para algum campo ou terreno vazio para praticar acrobacias, os movimentos mais complexos, como: meia lua, rabo de arraia, armada, folha seca, rasteira, martelo, macaquinho entre outros.

O treinamento extra e com os amigos veteranos foi gradativamente me aprimorando, até de fato me sentir preparado e com gosto de entrar nas rodas de capoeira com segurança. Mas como qualquer outra arte marcial na capoeira, corre-se o risco de se machucar, no entanto, foram poucas as vezes que tive alguma lesão grave provocada pela ginga nas rodas de capoeira e nos treinos fora dela também. Ocorreu de um dia levar uma chapa nos peitos, já caí de joelhos após quase concluir um mortal (salto para trás sem as mãos), já levei rasteiras. Tudo isso é admissível nessa prática e faz parte do cotidiano do capoeirista.

Certa vez, numa das aulas o professor me contou e para os outros capoeiristas, como foi complicado para ele aprender as músicas que compõem o universo da capoeira. Disse isso abismado com a facilidade com que aprendíamos, apontou que hoje os recursos são muitos, principalmente a internet que permite o aluno a qualquer momento baixar a música no celular, ouvir e aprender. Ele disse que quando começou no aprendizado da capoeira tinha que gravar as músicas numa fita k7 e depois escrever as letras no caderno, ouvir e cantar até se familiarizar com letras e ritmos. Essa ação foi importante, porque até seus familiares, ainda que não praticassem capoeira aprenderam as letras das músicas. Sem dúvidas, o processo de aprendizagem era outro, mais demorado e tinha tudo a ver com o contexto da época, hoje com o advento e popularização da internet o aprendizado ocorre de modo mais rápido em função de os capoeiristas terem incorporado as ferramentas possibilitadas pela tecnologia, a exemplo da internet, o que torna o aprendizado mais ágil.

Além das conversas com o professor, outras atividades que pude experimentar surgiram com meu envolvimento na vida e no grupo de capoeira, oportunidades como acompanhá-lo nos seus projetos desenvolvidos em algumas das cidades vizinhas a Belém-PB, uma delas, que tenho mais lembrança, é Logradouro; cidade próxima a Caiçara- PB, para a qual íamos numa motocicleta. A partir da participação nos projetos

coordenados pelo professor fui descobrindo novas pessoas, e me envolvendo nas atividades demandadas, sobretudo, as ações sociais.

Nesse período já tinha praticamente cinco anos de experiência na capoeira, e já tinha habilidade em algumas articulações corporais e músicas do universo capoeirista. Acrescentar algo a formação do outro, mesmo que mínima, me deixava mais entusiasmado, principalmente porque as pessoas com quem trabalhávamos eram diversas e suas condições sociais diferentes.

Os treinos ocorriam nos turnos da manhã e tarde, o grupo era diverso, dentre os integrantes havia meninas que estavam cursando ensino superior, crianças, outros ainda estavam cursando o ensino fundamental e médio, uns de condições razoáveis, outras de condições indesejáveis. Jovens, adultos e crianças, a capoeira envolvia todos sem distinções de classe, cor, idade e sexo.

Ainda que eu não fosse uma pessoa comunicativa e interagisse facilmente com as pessoas, as aulas do professor Fábio eram dinâmicas e muito me ajudou na comunicação. Em uma delas, ele pediu para que formássemos duplas, e assim trabalhássemos os golpes, as esquivas e movimentações. Para promover a interação e melhor promover a aprendizagem pedia que mudássemos sempre o par, o que possibilitava melhor interação, um riso, uma conversa, uma troca de experiência. Dessa forma fui pouco a pouco conhecendo todos os integrantes do grupo, e eles me conhecendo. Adorava viajar para outras cidades, e ver novos grupos e pessoas, enfim, ainda gosto disso.

Afora as atividades desenvolvidas nos projetos sociais, havia os eventos de capoeira. Um evento singular e que reúne muitos capoeiristas, mestres, contramestres professor, e um misto de alunos capoeiristas que buscam trocar sua graduação e outros que anseiam pela primeira corda é o batizado. O batizado, como dito, junta muitas pessoas, tanto as do próprio grupo, quanto a de outros, mas também pessoas convidadas. Esse momento, não se resume somente numa roda de capoeira onde todos os mestres e professores jogam e avaliam seus alunos para trocar ou se batizar na capoeira, contudo, alguns batizados que presenciei duravam dois ou três dias e dele participavam diversos capoeiristas de diferentes cidades. O batismo ocorre numa cidade

para onde acorrem os capoeiristas que vão para vivenciar as atividades extras ofertadas, ministradas por alguns especialistas na área, como: afoxé, samba de roda, aula de instrumentação, aula de movimentação, maculelê, também alguma apresentação proposta pelos organizadores do batizado.

No contexto de festa onde o batismo é realizado e várias atividades acontecem, pessoas puxavam uma roda de conversa sobre qualquer tema relacionado à capoeira. O coordenador responsável por essa atividade acabava dando uma bela aula e demonstrava a capacidade de sua memória, pois expunham para os novatos, os mestres e capoeiristas experientes sua trajetória e vivência na capoeira. Mais do que uma festa o batizado é como se fosse uma grande culminância de tudo que a capoeirista vivência durante o ano, por isso tem um grande valor para os membros do grupo.



Foto 7- Batizado realizado em 2013, na cidade de Belém PB. Bem à frente da fotografia está o contramestre Junior e o meu professor Fábio. Acervo Pessoal

Lembro-me do meu primeiro batizado em 2013, na cidade de Belém, quando integrava o grupo "Negro fujão", tal lembrança ainda é uma presença viva na minha memória, tanto no aspecto afetivo, no sentimento que me tomou, quanto psicologicamente, pois estava ansioso e nervoso ao mesmo tempo, por estar prestes a se batizar e ganhar a primeira corda na capoeira, a verde. Também estava com um pouco de medo de jogar capoeira com os mestres, porque sempre o professor Fábio comentava

que os mestres e os professores de capoeiras que jogam com o pessoal que fossem se graduar (trocar a graduação) gostavam de dar rasteiras, e alguns golpes ameaçadores para aqueles capoeiristas mais afrontosos.

Antes mesmo de entrar e jogar na roda, não conseguia parar de pensar nas palavras do professor, mesmo assim estava encantado com o número de capoeiristas que estavam se graduando e mostravam suas habilidades seja em saltos, golpes, nos instrumentos ou na dança.

O batizado em si, é um dos últimos momentos do evento, no qual se reúne mestres, professores e contramestres para jogar numa roda, em que se espalham todos os capoeiristas, junto com os que vão se batizar ou trocar a graduação. Contudo, os capoeiristas que podem jogar com os alunos para sua troca de graduação ou batismo na capoeira são escolhidos pelo mestre que está guiando a roda. Posterior a isso os capoeiristas vão se alinhando numa fila agachados ou em pé para fazer a sequência do jogo. Recordo que na fila estava nem na frente e nem atrás, eu estava bem no meio, e cada vez que a fila diminuía, a ansiedade e aflição aumentavam. Assim que começou a minha vez de me batizar, fui bem apressado nos meus movimentos e golpes, que, aliás, joguei com duas pessoas, uma era apelidada na capoeira de "Sapão", e o outro "Diabo Loiro". Cada movimento que eles faziam eu ficava apreensivo, pois temia levar uma rasteira, o que de fato acabei levando. Eles faziam as movimentações, mas sempre com cuidado, eles entendiam, e eram escolhidos a dedos para jogar com os iniciantes. Essa era uma das formas de deixar os alunos que fossem se batizar mais descontraídos e menos tensos. No exato momento que caí no chão, "Sapão" puxou minha mão e disse-me: "continua", com um tom de riso, e logo fui me sentido a vontade e depois quando joguei com o "Diabo Loiro" estava mais despreocupado e descontraído. Após todos que estavam na fila jogar, foi chegada a hora de os mestres e professores que estavam jogando conosco, pegar as cordas e amarrar na cintura de cada aluno que estava se batizando ou mudando de graduação. Lembro que tinha uma brincadeira, que eles faziam com os iniciantes na capoeira ou até mesmo com os veteranos. A brincadeira era a seguinte se reuniam dois capoeiristas, um ficava por trás do aluno, e outro na frente, esse que se posicionava na frente tinha que tentar ludibriar o aluno a não enxergar o outro

atrás, até que essa pessoa atrás se posicionasse como um cão, e assim a pessoa da frente empurrava o aluno para trás fazendo o cair. Em nenhum momento presenciei essa brincadeira de forma agressiva, com intuito de machucar o aluno. Esse momento acontecia junto com o ritual de colocação das cordas na cintura dos alunos que estavam se batizando ou se graduando. Depois de estar com a corda na minha cintura, me senti exatamente um capoeirista.

O apelido é algo recorrente entre os capoeiristas, está característica faz parte de todos os grupos de capoeira e é algo que está presente na minha trajetória na capoeira. Passados alguns momentos pós-batizado, ganhei um apelido também. O apelido tornava-se às vezes o principal nome através do qual se conhece um capoeirista ou se fala sobre ele. No geral no grupo de capoeira se tira o nome de registro do sujeito, e o chama pelo apelido. Muitas vezes questionei alguns capoeiristas sobre quem os tinham dado tal apelido, eles comentavam que tinha sido o seu mestre, outros falavam que tinha sido seu professor, e na maioria das vezes o nome proposto era pensado de acordo com algumas características observadas no aluno. No meu caso, em uma das minhas idas para um batizado, na cidade de Itapororoca, provavelmente no ano de 2017, a organização do evento tinha proposto que os capoeiristas que viessem de outra localidade poderiam dormir em uma creche do município, até aí tudo bem. Assim, quando foi no período da noite, quando todos se recolhiam para descansar e dormir, escolhi para dormir uma sala com diversas bonecas e ursinhos, provavelmente brinquedos que as crianças usavam durante sua estadia na creche, e nessa sala coloquei meu colchão e fui me deitar, e logo peguei um urso bem grande que estava próximo a mim, e o abracei e fui dormir. Sem esperar que pela manhã fosse ser acordado pelo agora mestre "Chocolate", um rapaz alto, negro, forte e com ombros largos. Que começou a brincar comigo porque eu estava agarrado amorosamente com o urso gigante, entrelaçados nas minhas pernas. A brincadeira foi se expandindo até que me deram o apelido de "Ursinho". Um apelido um tanto irônico, mas que resultou de um episódio divertido decorrente da minha vivência no grupo, e que se manteve a medida que se firmei na capoeira. O apelido é uma característica marcante do capoeirista, retrata sua vivência, seu modo, sua postura no grupo.

Em outro batizado realizado na cidade de Itapororoca no ano de 2016, num evento que contou com a presença do mestre e fundador do grupo “Negro Fujão”, ouvi outros apelidos, entre os quais, “Cobra”, “Chocolate”, “Peruca”. Esses nomes ainda estão na minha memória pelo fato de ter tido uma grande admiração por eles. Mais do que isso, os eventos de batismo e troca de graduação tinham uma programação extensa, que durava de dois a três dias, mas sempre o professor Fábio conseguia algum transporte escolar para levar os seus alunos para presenciarem o batizado e observarem de perto o mestre e fundador do grupo. Porém a nossa ida só acontecia no último dia, enfim, no dia do batizado. No entanto, o evento começava dias antes, com oficinas de afoxé, rodas de capoeira na rua, rodas de maculelê e por aí vai.

Um dia tive a oportunidade de ir para aproveitar o evento por inteiro, o que decorreu de um convite feito pelo meu amigo Vitor, apelidado de “Maribondo”. Ele já tinha anos de experiência na capoeira, sabia as artimanhas de entrar e sair das rodas. Para tanto, montamos em uma motocicleta, saímos de Belém até Itapororoca e chegamos a essa cidade no finalzinho da tarde, os capoeiristas do grupo da cidade e de outras, já estavam prestes a se apresentarem numa grande roda na praça, só deu tempo de nós chegarmos e colocarmos o abadá e ir observar o jogo de capoeira na praça central da cidade de Itapororoca.

O dia seguinte do evento foi seguido de várias dinâmicas de golpes e movimentações a serem usadas nas rodas de capoeira. Quem ministrou esse momento foi o Mestre “Pererê”, significativamente eu estava aprendendo movimentações com o criador do grupo. Esse momento foi uma experiência ímpar, principalmente por está aprendendo com o mestre criador do Grupo de Capoeira “Negro Fujão”. Ainda tivemos aula de afoxé, agora com uma mulher, só me recordo do seu apelido “Sereia”, essa aula contou com a presença de muitas mulheres capoeiristas que se misturaram aos poucos homens, um deles era eu que estava a fim de vivenciar tudo e não perdi uma atividade.

As movimentações rítmicas trabalhadas eram acompanhadas do toque do atabaque e pandeiro, um gingado na cintura, uma agilidade nas pernas, o que me proporcionou um trunfo enorme em quaisquer atividades que envolvesse dança. Obvio que não me tornei um exímio dançarino, porém admito que antes da capoeira não sabia

dançar nada, era totalmente duro, costume dizer que a capoeira me deu o molejo necessário para me aventurar na dança. O último dia, foi o grande esperado batizado, ocorreu num espaço largo, no entanto, devido à quantidade de capoeirista que tinha no local, o espaço se tornou pequeno.

O ritual do batizado é sem dúvida o ápice para o capoeirista, pois ele concentra muitos significados e aprendizagem que o jogador carrega para o resto da vida. Aliado a isso, é evidente que um evento para concentrar capoeiristas de várias localidades dura de dois a três dias. Durante o batizado se realiza oficinas, tem o ritual de graduação e entrega de abadá. Portanto, há um custo financeiro e, no entanto, o grupo não dispõe de recurso, o que leva o mestre dirigente a buscar apoio financeiro para cobrir as despesas demandadas.

Na época do meu primeiro batizado eu participava de um projeto social denominado PETI, e foi através dele que pude arcar com os custos da corda e do abadá. O professor fez o orçamento e passou para a coordenação do projeto que se encarregou de adquirir todo o material solicitado e necessário a realização do evento. Aqueles que fossem pegar a primeira ou a segunda corda, o valor era pago pelo projeto, as cordas adiante os alunos tinham que pagar pelo menos metade do dinheiro.

Em outras edições de batizados eu pude estar inserido na comissão organizadora do evento, o que me possibilitou compreender as dificuldades para realizá-los, pois não é fácil encontrar apoios financeiros na cidade, quer seja dos proprietários de estabelecimentos comerciais, políticos e da sociedade em geral.

Já é complicado conseguir apoio para qualquer atividade cultural, e quando se trata de um evento de capoeira, a dificuldade duplica o que é decorrente do preconceito da sociedade brasileira com as práticas culturais da pessoa negra. O Brasil é um país que tem sua história marcada pela presença da pessoa negra na construção das riquezas dessa nação em regime de escravidão. No entanto, essa gente foi afastada e excluída dos bens produzidos. Mesmo depois de livre a gente não foi reconhecida cidadã e sua cultura excluída, o que faz com que ainda hoje a sociedade não veja com bons olhos e não valorize a cultura afro-brasileira.

Por isso, de alguma forma o PETI foi essencial na vida das crianças negras, pois fomentou a capoeira e nos momentos dos batismos, minimamente colaborava com esse evento.

O exercício da capoeira ainda é praticado como parte de uma história desprestigiada, o que faz com que a sociedade ainda veja essa arte como uma atividade de ociosos e vagabundos, o que decorre do fato de no século XIX o código penal classificá-la como crime (PEREIRA. LEAL., 2009, p. 48). Para tanto, todos que a praticassem seriam vistos como criminosos e vagabundos e poderiam ser presos. Nessa época termos como “vadiagem” e “capoeiragem” eram comumente atribuídos aos capoeiristas. Tal atribuição perpetuou ao longo da história, o que faz com que no século XXI, ainda haja preconceito em torno da capoeira.

Chamada de arte, dança, jogo e esporte, a capoeira foi reconhecida e tombada pela IPHAN como patrimônio histórico imaterial, precisamente, no ano de 2008. mas nem mesmo essa condição a livrou do preconceito que ainda lhe é recorrente. Tal condição tem levado os capoeiristas a resistirem, à medida que grupos são fundados Brasil afora e mesmo sem apoio público e privado se mantêm com a ajuda dos próprios integrantes.

Outra forma de resistir está nas ladainhas cantadas, cujas letras dão respostas ao preconceito ainda recorrente na sociedade brasileira, conforme ouvi uma ladainha cantada em uma roda coordenada pelo professor Fabio, e em um dos trechos diz assim:

{...} dizem que a capoeira é um negro sujo e imundo, é um negro que não trabalha, é um negro que é vagabundo, pois eu sou capoeira eu trabalho, eu estudo ganho meu dinheiro suado e ainda dizem que sou vagabundo.

Além dessa ladainha, muitas outras fazem referência ao negro como sujeito resistente, e que usou sua arte para se livrar da opressão e do preconceito. As ladainhas ainda fazem referência aos costumes, ritos e história da gente negra no Brasil. A capoeira é isso, é luta é resistência e cultura.

Notadamente quando comecei a jogar capoeira a via como algo fútil, lazer, hobby, onde eu não via história e nem cultura. Quando iniciei a praticá-la a minha mãe a via como uma atividade que não me levaria a "lugar nenhum", até porque a circunstância e

contexto financeiro fez com que ela entendesse que o melhor para o seu filho seria um trabalho. Deixando os preceitos de lado posso dizer que a capoeira é uma atividade cultural e educativa como qualquer outra atividade, pode ser considerada uma atividade trabalhista digna, pois exige um professor que ensina, tem métodos e fundamentos que transforma os sujeitos que aprendem.

Outro aspecto importante é o fato de alguns indivíduos enxergarem a capoeira apenas como uma arte marcial que é praticada para atender suas necessidades físicas e defesa, quando se trata de uma arte complexa e gigante, uma vez que envolve ritmo, dança, e instrumentos musicais. Ou seja, no aprendizado e prática da capoeira se recorre a conhecimentos musicais, corporais e psicológico, ou psicomotor.

No entanto, há quem **insista** em tratá-la somente como dança ritualística e religiosa, como pura arte cristalizada no tempo. Olhar a capoeira somente por esse prisma é reduzir toda a sua amplitude, e negar, sobretudo, os elementos culturais e educativos que a compõem, os símbolos de resistência e luta de uma população, e desse modo descaracterizá-la politicamente e culturalmente, uma vez que ela representa as experiências dos antepassados reinventadas nas vivências dos capoeiristas de hoje, os quais mantem os vários elementos da cultura africana trazida por homens e mulheres traficados da África para o Brasil.

As rodas de capoeira foram para mim, um espaço de interação, de troca de experiência, vivências e costumes. Antes de participar delas, não tinha noção das identidades culturais e da história que cada símbolo da capoeira carrega, assim como os gestos, os toques, as cantigas e as ladainhas, tudo compõe um grande sinônimo de resistência do povo negro, desde o passado colonial, imperial, republicano e se mantem na contemporaneidade. Desta feita, a capoeira representa a vida e a cultura dos homens negros e das mulheres negras no Brasil.

Apesar da riqueza cultural e histórica da capoeira, minha relação com ela se deu de modo distraído, como entretenimento e lazer, eu não tinha discernimento do que me rodeava e nem sabia que tal manifestação fazia parte da história e cultura do Brasil e uma história secular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira vem reinventando-se à medida que a cada contexto incorpora novos elementos e possibilita aos sujeitos que a pratica se transformarem, principalmente aqueles socialmente marginalizados. Além disso, o capoeirista também modela e reinventa a capoeira com base em sua necessidade, interesse e contexto político.

Nesse sentido, é relevante pontuar que, o projeto PETI onde ocorreram os meus primeiros contatos e passos na capoeira, foi uma peça fundamental na minha aproximação e engrandecimento com e na capoeira, além de mim outros jovens do mesmo município também foram educados com a capoeira. Posto que esse programa tivesse como propósito erradicar o trabalho infantil em evidência Brasil a fora. As atividades executadas nesse projeto interferiram diretamente na vida dos sujeitos (crianças e adolescentes), muito deles marginalizados pela sociedade. Perspectiva endossada por Abib (2004) quando afirma que a capoeira tem um reconhecimento e mais participação de crianças e jovens que são marginalizados.

No projeto PETI executado em Belém e nas cidades próximas havia uma diversidade de público sem distinção de cor, classe e sexo, em especial, indivíduos de comunidades periféricas. A partir de então, a capoeira se constituiu como ferramenta importante na educação dos sujeitos periféricos assistidos pelos programas governamentais, e os mantidos pelas Ong's entre outros órgãos que visam contribuir com a inclusão dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social. O fazer desenvolvido nos programas sociais governamentais e das Ong's na cidade de Belém ratificou a ideia de

que essa manifestação tem maior aceitação dos sujeitos vulneráveis, o que possibilitou transformar suas vidas.

Na sua prática a capoeira possibilitou a realização de eventos, para tanto, angariou-se vestimentas e transporte, visto que, os sujeitos que compunham os grupos não apresentavam condições financeiras para se deslocar ao local onde ocorriam as aulas de capoeira, assim como as vestimentas.

O reconhecimento da capoeira como arte e sua importância na minha vida só foi possível após o meu ingresso no Curso de História. Ainda que o capoeirista esteja no meio de uma série de símbolos que representam e estão ligados diretamente a essa cultura e tradição do povo negro, nem sempre o capoeirista tem essa compreensão. O desconhecimento e preconceito contra a capoeira é fruto de uma tradição histórica de privilégios a cultura eurocêntrica, aliado ao passado escravista do negro brasileiro.

Contudo, as ladainhas, os gestos, os rituais da roda são exímios exemplos e representação da resistência desencadeada pelo povo negro que foi traficada da África, e deu os primeiros passos dessa arte no Brasil. Ainda, que a relação de muitos capoeiristas com a capoeira, a exemplo da minha, tenha se dando de forma desatenta e sem pretensões concretas, essa arte criou nos sujeitos laços e significados na vida dos capoeiristas, a exemplo do sentimento de pertencimento com relação ao grupo.

Observei esse aspecto nas características socializadoras que a capoeira me ofereceu, tendo em vista os espaços e atividades em que a capoeira se desenvolve, o que reforça e estimula a participação coletiva dos capoeiristas. Não é à toa, que quanto mais me relacionava com a capoeira, mais me socializava, principalmente durante a infância.

Além da socialização, a capoeira me ofereceu uma gama de habilidades musicais e corporais a partir de algumas oficinas, a exemplo das oficinas de berimbau, pandeiro, agogô e atabaque. Foi possível compor-nos capoeiras através de alguns elementos essenciais e relacionados à música, como: melodia, ritmo e harmonia. A melodia pode ser observada nas cantigas e ladainhas que dão dinamicidade às rodas. O ritmo pode ser composto na escolha do toque que o berimbau vai propor a roda, a exemplo de

Angola, Benguela, São-Bento-Grande, São-Bento-Pequeno e São-Bento da Regional, os toques mais comuns.

Ainda foi possível aprender sobre harmonia, verificada no coro e nas palmas estabelecidas nas rodas de capoeira. No aspecto corporal, o auxílio às condições psicomotoras, alonga todos os membros corporais, melhora os reflexos, ajuda na coordenação dos movimentos diários, fortalece a musculatura de todo corpo e melhora a postura.

Como o jogo e as movimentações são embalados musicalmente, os capoeiristas tendem a experimentar as noções musicais e rítmicas de cada instrumento. Portanto, as movimentações, como: a ginga, os golpes e as acrobacias são interligados com as rítmicas que os instrumentos passam o que refletem no seu estilo de jogo e na cadência lenta ou rápida, podendo ser um jogo de Angola ou Regional. Por isso, essa arte desenvolve no praticante significativas habilidades, como a musical, e dança o que facilita também o desenvolvimento de outras artes, como: dança popular, forró, samba e afoxé. Além das habilidades motoras, o que dão condições importantes para a prática de outros esportes, como: artes marciais, futebol e ginástica. Com isso, há inúmeras possibilidades de se trabalhar com a capoeira na perspectiva educativa, visto enriquecer os sujeitos em habilidades artísticas e esportivas.

Em meio às possibilidades que a capoeira possibilita aos sujeitos, faz necessário refletir sobre de que forma ela pode ser incorporada na educação formal? Levando-se em consideração os contextos históricos em que essa luta foi forjada e disseminada Brasil a fora.

6 REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2004. 172 p. 1. Cultura Popular 2. Capoeira Angola 3. Educação não formal. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

ADORNO, Camille. **A Arte da Capoeira**. Goiânia/GO: Gráfica e Editora Kelps, 1999.

ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. In. **Tempo – Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p.206-219, jun., 1997.

_____. **O Acervo de história Oral do CPDOC**: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. In. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015.

CONCEIÇÃO, C. S. R.; PALHARES, L. R. **Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira**. Licere, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, dez 2014.

COSTA, Neuber Leite. **Capoeira, Trabalho e Educação**. 2007. 226 f. 1. Capoeira. 2. Formação profissional 3. Educação física. – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2007.

FONSECA, Vivian Luiz. **A Capoeira Contemporânea**: antigas questões, novos desafios. Rio de Janeiro, Brasil. Recorde: Revista de História do Esporte Artigo volume 1, número 1, junho de 2008.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: Enciclopédia EINAUDI - vol.1 **Memória- História**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984.

OLIVEIRA, Josivaldo P. O.; LEAL, Luiz A. P. **Capoeira, Identidade e Gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. - Salvador: EDUFBA, 2009.

SOUZA, João Carlos Neves de. NUNES, Dias. Motriz. **Narrativas do Corpo e da Gestualidade no Jogo da Capoeira**. Rio Claro, v.16, n.3, p.620-628, jul./set. 2010.<> Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p620>.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de Capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.